Revista UFAM especial
Ano I - Nº 1

Cursos em Júbilo

2017

Universidade Federal do Amazonas
In Universa Scientia Veritas

REITOR
Sylvio Mário Puga Ferreira

VICE-REITOR
Jacob Moysés Cohen

Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Selma Suely Baçal de Oliveira

Pró-reitoria de Extensão
João Ricardo Bessa Freire

Pró-reitoria de Inovação Tecnológica
Waltair Vieira Machado

Pró-reitoria de Ensino de Graduação
David Lopes Neto

Pró-reitoria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional
Kleomara Gomes Cerquinho

Pró-reitoria de Administração e Finanças
Raimundo Nonato Pinheiro de Almeida

Pró-reitoria de Gestão de Pessoas
Maria Vanusa do Socorro de Souza Firmo

Revista Ufam Especial

CURSOS EM JÚBILO 2017

Ano I - número 1

EDITORIAL

Sylvio Mário Puga Ferreira e Jacob Moysés Cohen
Reitor e Vice-reitor da Universidade Federal do Amazonas

Os cursos de graduação da Universidade Federal do Amazonas têm suas fundamentações no Projeto Pedagógico Institucional, documento balizador da política de Educação Superior e consolidado na Missão e Visão institucionais.

Produtora de saberes em excelência, a Ufam tem se destacado no cenário nacional pela oferta de cursos de graduação que prezam pela formação ancorada no ensino-aprendizagem com extensão universitária e com iniciação à pesquisa científica.

A Universidade realiza seu mister envolvendo teoria, prática de campo, estágio curricular e atividades complementares que dinamizam o processo educativo, notadamente, pela aplicação de metodologias ativas, as quais mobilizam professores e alunos em encontros acadêmicos produtores de conhecimentos que traduzam o saber-saber, o saber-fazer e o saber-ser num cotidiano de formação profissional e cidadã do universitário, sendo o docente o ser mediador e facilitador do processo educativo.

Neste número, no que tange à graduação, apresentamos à comunidade universitária e aos demais leitores breve história de cinco cursos: Zootecnia, Engenharia Florestal, Relações Públicas, Biblioteconomia e Farmácia, todos eles com projetos pedagógicos de acordo com as diretrizes curriculares nacionais.

No campo da pós-graduação, a Ufam vem se destacando com a oferta de cursos de Mestrado e de Doutorado nas mais diversas áreas de conhecimento, em sua maioria com perfil acadêmico, como os que estão apresentados neste primeiro número da revista. O enfoque primordial destas pós-graduações é a formação de pesquisadores/docentes e acadêmicos engajados no desenvolvimento da ciência na região amazônica.

Nossos Programas formam profissionais capacitados, com envergadura para refletir sobre a realidade social, política, ambiental e cultural na Amazônia e na Pan-Amazônia, o que nos confere enorme responsabilidade, visto que a Ufam possui significativa participação na capacitação de recursos humanos para a região.

Trazemos ao leitor o mais antigo dos nossos Programas, originalmente da Ufam, o Programa de Pós-Graduação em Educação, que completou três décadas. Além do PPGE, apresentamos outros Programas que em 2017 completaram dez anos de existência, que são: Ciências Pesqueiras nos Trópicos, Geografia, Serviço Social e Sociologia.

A primeira edição desta revista apresenta preciosas informações ao público acadêmico e à população em geral, pois divulga parte do nosso fazer socialmente referenciado. Esperamos, com isso, estreitar a nossa relação universitária com a sociedade. A próxima edição irá homenagear graduações e pós-graduações em comemoração de aniversário no ano de 2018.

Sumário

Graduação

O jovem curso de Zootecnia completa 15 anos e já é um dos três melhores do Brasil

página 8

Engenharia Florestal: uma vocação amazônica de valor mundial

página 12

Relações Públicas: revista comemorativa, homenagens e selo marcam os 40 anos do curso

página 16

Tempo de se reinventar: criado para durar cinco anos, o curso de Biblioteconomia completa cinco décadas de pioneirismo no Amazonas

página 20

50 anos do curso de Farmácia no Amazonas: uma história contada a várias mãos

página 24

Pós-Graduação

PPG em Ciências Pesqueiras nos Trópicos: dez anos de conhecimento científico a serviço do potencial aquático do Amazonas

página 32

Uma década de contribuições para a Amazônia por meio do Mestrado em Geografia

página 36

Mestrado em Serviço Social: há dez anos fortalecendo a perspectiva da sustentabilidade

página 40

PPG em Sociologia comemora dez anos de contribuição ao pensamento social amazônico

página 44

Programa de Pós-graduação em Educação: 30 anos construindo educação alinhada à realidade amazônica

página 48

Graduação

Zootecnia 15 anos

Engenharia Florestal 30 anos

Relações Públicas 40 anos

Biblioteconomia 50 anos

Farmácia 50 anos

ZOOTECNIA 15 ANOS 2002-2017

O jovem curso de Zootecnia completa 15 anos e já é um dos três melhores do Brasil

Entre as conquistas do bacharelado estão a nota máxima no último Enade e a criação do PPG em Ciência Animal, aprovado pela Capes em 2016

Criado a partir da necessidade de se ter profissionais qualificados para atuar no setor de produção animal na região amazônica, o curso de Zootecnia da Ufam já formou mais de cem bacharéis ao longo de seus 15 anos de existência na Universidade.

Os zootecnistas dedicam-se a trabalhar o aprimoramento genético, a nutrição e a reprodução de animais como bovinos, equinos, suínos, caprinos e peixes visando ao seu aproveitamento na indústria alimentícia. O coordenador do curso, professor Ernandis do Amaral Neto, comenta que a graduação veio para contribuir com o desenvolvimento socioeconômico da Amazônia.

"Quando ainda não se ofertava Zootecnia na Ufam, os alunos que tinham aptidão para trabalhar no segmento eram obrigados a cursar Agronomia, o que mais se aproximava dessa área, embora tivesse somente algumas disciplinas voltadas à produção animal. Com a criação do bacharelado em Zootecnia, os discentes puderam se dedicar a disciplinas direcionadas integralmente à produção animal – uma área que ainda era carente no Amazonas – além de realizar trabalhos no sentido de baratear o custo dessa produção", destaca o coordenador.

Ele revela os desafios enfrentados no momento da implantação. "Uma das primeiras questões com que nos deparamos foi a resistência de alguns colegas, principalmente da área de Ciências Biológicas. Eles acreditavam que os zootecnistas viriam para desmatar a região amazônica e derrubar árvores para o plantio de capim e a criação de gado. Mas nós demonstramos, através de projetos **agrossilvipastoris**, que a criação de rebanhos convive de forma muito harmônica com a produção arbó-

2002
Aprovação do curso de Zootecnia/ Resolução nº 044/2002

2003
Homologação do curso em 06 de novembro/ Resolução nº 017/2003

2015
Elaboração da proposta para criação do PPG em Ciência Animal

2016
Início das atividades do PPGCAN

rea, além de trazer muitas vantagens. Ultrapassados os desafios iniciais, estamos trilhando uma trajetória muito bem-sucedida", ressalta o professor.

"Estamos entre os três cursos de Zootecnia do Brasil que tiveram a nota máxima no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade). Temos também um Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal com pesquisas marcadas por muita inovação tecnológica. Tudo isso é motivo de orgulho para nós, professores, técnicos e alunos, que nos dedicamos diariamente a oferecer uma formação de excelência para a sociedade", completa o docente.

Autor da proposta de criação do bacharelado na Ufam e primeiro coordenador da graduação, o professor Frank Cruz afirma que a implantação do curso de Zootecnia foi um sonho realizado. "Eu tenho esse curso como um verdadeiro filho. Sempre foi um sonho tê-lo aqui, já que eu ministrava aulas sobre a parte animal na Agronomia", recorda o docente, que também foi um dos entusiastas e fundadores da pós-graduação na área de Ciência Animal.

> **"Com a criação do curso de Zootecnia, os alunos puderam se dedicar a disciplinas voltadas integralmente para a produção animal, uma área carente no Amazonas, além de realizar trabalhos que barateiam o custo dessa produção".**
>
> *Coordenador do curso, professor Ernandis do Amaral Neto.*

Coordenador do curso, professor Ernandis Borges do Amaral Neto.

"No Departamento de Produção Animal e Vegetal da FCA, elaboramos um projeto pedagógico e eu fui o autor da proposta de criação do curso. A partir desse documento, foi designada uma comissão, da qual fui o presidente, e elaboramos a proposta final, aprovada em 2002 pelo Conselho Universitário [Consuni]. Realizamos o primeiro vestibular em 2003, com o ingresso de 30 discentes pelo sistema regular e 12 pelo Processo Seletivo Contínuo (PSC). Fui o primeiro coordenador e fiquei à frente da graduação por um pouco mais de ano, pois tive de me afastar para o doutorado. Hoje, vejo com muita satisfação a chegada do nosso curso à nota cinco no Enade. É um grande feito que dividimos com um seleto grupo de instituições do País".

Frank George Guimarães Cruz

SAIBA MAIS

Agrossilvipastoril

Sistema de produção que se caracteriza pela potencialização do uso do solo, fazendo com que se produza em uma mesma área e de forma sustentável, a agricultura (lavoura), a pecuária, a pastagem, o componente florestal e o animal, sejam para leite ou para carne.

Fonte: Portal Embrapa Gado de leite - Glossário do sistema de produção

Bovinocultura

Ramo da Zootecnia que trata da exploração econômica dos bovinos.

Fonte: Glossário de termos zootécnicos

Novo Projeto Pedagógico

No momento, a matriz curricular passa por uma reformulação. Integrante da equipe responsável pelo novo Projeto Pedagógico do Curso (PPC), o professor **Fábio Jacobs** destaca algumas das alterações que constarão na nova matriz da Zootecnia.

"Duas das nossas prioridades são atualizar as referências da nossa biblioteca e dividir algumas disciplinas, que eram lecionadas em conjunto, embora possuam bastante conteúdo para ser exposto de modo individual. Vou usar o exemplo da **Bovinocultura** que, na grade atual, tem carga horária de 60 horas. Consideramos que esse tempo é insuficiente para abordar todo o conteúdo da matéria", aponta o docente.

Na nova estrutura curricular, a Bovinocultura será segmentada entre a Bovinocultura de leite e a Bovinocultura de corte, com 60 horas cada uma, por se considerar o extenso conteúdo de ambas. Outra alteração diz respeito à inclusão de disciplinas sobre meio ambiente, climatologia, Língua Brasileira de Sinais (Libras) e relações étnico-raciais, todas elas com o objetivo de atender às diretrizes estabelecidas pelo Ministério da Educação (MEC).

A expectativa é de que a nova matriz curricular passe a vigorar no primeiro semestre letivo de 2019. A atualização, segundo o professor Fábio Jacobs, é o caminho necessário para capacitar profissionais atentos à realidade do setor no País e na região Norte.

Alunos de Zootecnia durante a disciplina Bubalinocultura - docilidade do animal da espécie *Bubalus bubalis* é o resultado do manejo adequado.

Zootecnistas

Os egressos atuam nos setores público e privado. No primeiro, geralmente trabalham em universidades, institutos de pesquisa ou órgãos de assistência técnica e de extensão rural. Na iniciativa privada, são absorvidos por fabricantes de ração balanceada, de laticínios e, ainda, na indústria de máquinas e de equipamentos zootécnicos. A atuação como consultores nas fazendas de criação, a prestação de serviços técnicos e a aplicação de técnicas para aperfeiçoamento da produção animal também fazem parte de seu leque de atividades.

Após concluir a graduação, João Paulo Rufino resolveu seguir o caminho da pesquisa e integra, hoje, o corpo discente do Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal (PPGCAN). No mestrado, ele desenvolve o projeto "Bioeficácia da Inoculação de L-glutamina em ovos embrionados de matrizes avícolas", no qual tem a orientação do professor Frank Cruz.

Segundo o mestrando, o curso de Zootecnia da Ufam consegue cumprir bem a função de entregar profissionais qualificados e preparados para atender as demandas do mercado regional. "Na graduação, a FCA sempre me proporcionou uma boa infraestrutura e um quadro

Expectativa estudantil

Anualmente, 46 alunos ingressam no curso da Ufam. A Fazenda Experimental; o Setor de Avicultura e os laboratórios da Faculdade de Ciências Agrárias (FCA) são os espaços onde eles colocam em prática o aprendizado teórico. Aluna do quarto período, **Biatris Lima Rocha** afirma: "É uma área com amplas oportunidades de trabalho".

"Meu desejo é trabalhar com suínos porque estou adquirindo experiência com esses animais na Iniciação Científica. Meu trabalho avalia a substituição do milho por um produto alternativo – no caso, a mandioca – na ração dos suínos. Os projetos voltados à nutrição e à substituição de ingredientes nas rações de alto custo na região fazem parte da lista de investigações que são bastante comuns na nossa área", explica a discente.

Biatris considera que, após a Zootecnia ter alcançado a nota máxima no Enade, dobrou a responsabilidade dos alunos de manter o padrão de excelência. "Essa nota cinco nos incentiva a ter um esforço maior para fazer com que o curso seja sempre melhor. Minha turma será a próxima a fazer o Enade e o resultado atual acaba nos tornando responsáveis por manter esta nota e a qualidade dos futuros profissionais que seremos", reconhece ela.

Alunos do 4° período do curso de Zootecnia - expectativa em relação à nova matriz curricular que passa a vigorar no primeiro semestre letivo de 2019.

docente extremamente preparado. Os desafios pelos quais passamos são os mesmos que ocorrem nos demais institutos de referência da Zootecnia brasileira", avalia João Paulo.

O zootecnista fala sobre a importância do suporte acadêmico para que o profissional prossiga na pesquisa. A criação do PPGCAN, que compreende as áreas de Zootecnia e de Recursos Pesqueiros, foi aprovada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) em 2016. "É uma excelente alternativa para a continuidade da formação dos egressos, tanto aqueles do *Campus* Manaus quanto os de Parintins", declara o mestrando.

O rol de pesquisas é extenso e inovador. Dentre elas, o destaque é para os projetos sobre nutrição de animais utilizados na indústria alimentícia. 'Farinha do resíduo de tucumã em substituição ao milho na alimentação de poedeiras comerciais'; 'Planos nutricionais na alimentação fásica de patos em confinamento e processamento', 'Caracterização físico-química e utilização da silagem biológica de resíduo de tambaqui na alimentação animal' estão entre os temas dos trabalhos.

Engenharia Florestal: **uma vocação amazônica de valor mundial**

O curso da Ufam foi o segundo a ser criado na região Norte. Hoje, a graduação existe em Roraima, Rondônia, Acre e Pará, além do município de Itacoatiara, onde é ofertada pela UEA

De todas as graduações ofertadas pela Universidade Federal do Amazonas, a Engenharia Florestal, implantada em 1987, retrata a vocação amazônica mais visada do planeta: seus recursos florestais. Tendo completado suas primeiras três décadas em 2017, há muitos motivos para comemorar, dentre eles, a formação de mais de 400 profissionais e a criação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais e Ambientais (PPGCIFA), em 2003.

Ainda no primeiro Plano de Desenvolvimento da antiga Universidade do Amazonas (PDUA), havia previsão de se criar esse curso, seus prédios e laboratórios no ano de 1979, oferecendo-o a partir de 1980, com 30 vagas iniciais. Os planos não se concretizaram naquele momento, entretanto, a Universidade assinou um convênio com a Federal do Paraná (UFPR), tradicional nessa área de ensino. Anualmente, dez graduandos cursavam o ciclo básico na Faculdade de Tecnologia (FT) e, então, seguiam para obter a formação específica em Curitiba.

O método funcionou por uma década, de 1976 a 1986, mas era crescente a demanda por engenheiros florestais capazes de propor soluções voltadas ao contexto amazônico. Assim, a Universidade aceitou o desafio de implantar a formação completa, ou seja, ofertar os ciclos básico e profissionalizante. O projeto teve como subsídio outro documento, que fora elaborado por uma comissão liderada pelo então diretor do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (Inpa), Roberto dos Santos Vieira, no ano de 1984.

A Resolução nº 009/1987 do Conselho de Ensino e Pesquisa (Consep), de 24 de agosto, foi o marco legal para se criar o curso. “Quando colocamos o projeto em votação, ele foi aprovado de forma unânime em todos os colegiados da Universidade. Eram raros os colegiados que não elogiavam a proposição do curso: – Florestal na Amazônia! Ah, já está vindo é tarde demais, já era pra ter sido criado... Foi tranquilo o processo”, comemora o decano, professor Luiz Bacelar.

À época, o quadro tinha apenas dois professores, ele e Valmir Oliveira, ambos egressos do convênio com a UFPR. “Esse foi um compromisso que nós assumimos, mas um decreto presidencial tinha proibido a contratação direta de professores para as universidades a partir de 1979 e, quando os outros engenheiros voltaram de Curitiba, eles já tiveram de ser submetidos a concurso público”, recorda.

Um sonho, um começo...

Professores Luiz Bacelar (decano) e Narrúbia Martins (coordenadora) contribuem até hoje para o fortalecimento do curso.

Inicialmente, ainda como resultado do convênio, o curso de Engenharia Florestal foi alocado na Faculdade de Tecnologia (FT), deslocando-se, em seguida, para o Instituto de Ciências Biológicas (ICB). Hoje, ele está vinculado à Faculdade de Ciências Agrárias (FCA), especificamente ao Departamento de Ciências Florestais (DCF). Além disso, as atividades práticas têm como apoio principal as locações da Fazenda Experimental, situada no quilômetro 38 da BR 174 – estrada Manaus/Boa Vista.

Em 1988, foram ofertadas dez vagas na primeira seleção. Em cinco anos, a então Universidade do Amazonas (UA) entregaria à sociedade os profissionais cuja responsabilidade seria a de compreender o imenso patrimônio ambiental abrigado na Amazônia. Na primeira matriz aprovada, o currículo ainda era muito forte na área de conservação da natureza.

O início, como todo começo, foi repleto de desafios, como revela o professor Bacelar, a quem coube a responsabilidade de lecionar as disciplinas de formação específica para as primeiras turmas. "Na verdade, ninguém estava preparado para sair mexendo muito na floresta, e sim para trabalhar na conservação, na proteção dela. Foi o rumo que seguimos naquele momento. A complexidade dos estudos veio com o passar dos anos", justifica o professor.

A partir daquele ponto, com a colaboração de outras instituições de ensino e de pesquisa, a Universidade precisaria garantir as condições necessárias para responder às demandas de conhecimento técnico-científico da utilização racional dos recursos naturais renováveis da região. Esse é o maior legado para o desenvolvimento florestal da Amazônia Ocidental, notadamente no Amazonas, estado que ostenta a maior **cobertura florestal primária** do País.

O tempo foi passando e, à medida que se contratavam professores, o curso adquiriu *know how* nas áreas de manejo, silvicultura, georeferenciamento, extração de recursos não madeireiros, impactos ambientais... Hoje, com um quadro formado por 18 docentes, já é possível cobrir vários campos de atuação. Também para atender às exigências do mercado, o Projeto Político Pedagógico passou por três reformulações, em 1993, 2000 e 2013. A próxima já está em andamento e a previsão é de que o novo modelo curricular tenha início já em 2018.

Cobertura florestal primária

A Amazônia é o maior bioma brasileiro, abrangendo área de **4.196.943 km²**.

A porcentagem de florestas que permanece inalterada varia de **23,82%**, no Maranhão, a **92,84%**, no Amazonas.

Fonte: Ministério do Meio Ambiente.

Estudantes realizam pesquisas de alto nível nos laboratórios da FCA

NOVAS ÁREAS DE ESTUDO

Geotecnologia

Mercado de carbono

Benefícios indiretos da floresta

Perícias ambientais

Extração não madeireira

Impactos ambientais EIA-RIMA

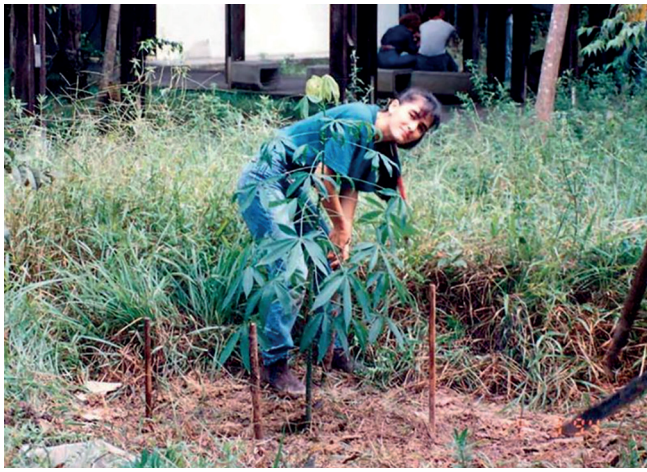
Bons frutos

Érica Yoshida de Freitas é egressa da turma de 1988 e foi a primeira a se formar em Engenharia Florestal pela Universidade do Amazonas, após a implantação definitiva do curso em Manaus. É preciso lembrar que, antes, os acadêmicos eram transferidos para a UFPR para cursar o ciclo específico, e somente o cumprimento dessa etapa os habilitava como profissionais. No vestibular de 1988, foram oferecidas dez vagas e houve três aprovados.

Formada em 1993, ela mora em Brasília e trabalha na Agência Reguladora de Águas, Energia e Saneamento Básico do Distrito Federal (Adasa). A amazonense sempre gostou das árvores, mas, na escolha do curso, precisou de uma ajuda do Guia do Estudante. Ela consultou a revista quando ainda cursava o terceiro ano do antigo segundo grau, no ano 1987, confirmando a vocação para a área de Florestal.

"Gostei de tudo que li sobre essa profissão e fiquei empolgada. Eu só não sabia que o curso não era completamente na Universidade do Amazonas. Fiquei um pouco desanimada, porque na época eu não queria morar fora de Manaus. Com a ajuda do professor do curso preparatório, escolhi Administração, mas eu não estava muito empolgada com a ideia", admite. O cenário tornou-se favorável quando a finalista descobriu que, ainda em 1987, seriam abertas duas graduações na Federal, entre elas Engenharia Florestal, e não hesitou.

Sumaúma *(Ceiba Pentandra)* plantada pela egressa Érica Yoshida no Setor Sul do *Campus* Universitário, antigo Minicampus, em dezembro de 1993



Como ela, há outros egressos que atuam fora do Estado, por exemplo, como docentes nas Universidades Federais de Roraima (UFRR), Rondônia (UNIR) e Pará (UFPA). Outros trabalham nos variados órgãos governamentais ou ainda como empreendedores. Essa expansão da empregabilidade é um dos frutos da ampliação dos objetivos iniciais, conforme aponta a coordenadora da graduação, professora Narrúbia Martins.

A nova grade está em elaboração e inclui, por exemplo, geotecnologia, mercado de carbono, benefícios indiretos da floresta, perícias ambientais, extração não madeireira (frutos, sementes, cascas etc.) e levantamento de impactos ambientais EIA-RIMA [Estudo e Relatórios de Impactos Ambientais] como **áreas de estudo**.

"Nossos engenheiros saem muito mais preparados", informa a coordenadora do curso, que também participou do convênio com a UFPR e ingressou como docente em 1990. Com o tem-

1976 Início do Convênio com a UFPR

1984 Comissão mobiliza a implantação do curso

1986 Encerramento do Convênio com a UFPR

1987 Aprovação do curso nos Conselhos Superiores

Atividade de campo é essencial da formação dos engenheiros florestais

A comemoração dos 30 anos teve início com o lançamento de um selo

po, foi possível oferecer outras contribuições, a exemplo de convênios com outros setores da sociedade. "Tudo isso tem tornado o curso ainda mais visível", avalia a professora.

As parcerias interinstitucionais são muito valorizadas. Além do INPA, destacam-se a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), principalmente para o fornecimento de sementes; o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio); o Instituto de Conservação e Desenvolvimento Sustentável do Amazonas (Idesam); e a Fundação Amazonas Sustentável (FAS).

"Um convênio com o Instituto Florestal de São Paulo já está em fase de prospecção, e também temos propostas encampadas por meio do Centro de Sementes Nativas da Amazônia (CSNAM), coordenado pelo professor Manuel de Lima Júnior, que recebe estudantes estrangeiros para intercâmbio", revela a professora Narrúbia.

Com a perspectiva de fomentar investigações de alto nível no setor, a Ufam criou o mestrado em Ciências Florestais e Ambientais, em 2003, com aprofundamento nas subáreas de Recursos Florestais e de Engenharia Florestal. O Programa tem a missão de promover o avanço científico e tecnológico e, atualmente, está sob a coordenação dos professores Marciel José Ferreira e Afrânio Ferreira Neves Júnior.

Quando eu estava cursando o segundo grau, os alunos não pensavam no curso de graduação até chegar o último ano. Como não tinha nada em mente, eu decidi comprar o Guia do Estudante numa banca de revista. Olhei várias profissões, porém, a Engenharia Florestal foi a que chamou mais a minha atenção, afinal, sempre adorei árvores. Também gostei de tudo que li sobre a profissão e fiquei animada. [...] Um belo dia, numa aula de Física do cursinho, o professor anunciou: "Em 1988 serão criados dois cursos na UA: Engenharia Florestal e Desenho Industrial". Problema resolvido! E eu pude fazer o curso escolhido!

Érica de Freitas, primeira engenheira florestal formada pela Ufam, em 1993.

1988 Primeiro vestibular e Criação da FCA

1993 Primeira revisão do Projeto Político Pedagógico

2003 Mestrado em Ciências Florestais e Ambientais

2004 Reformulação do Projeto Político Pedagógico

2017 30 anos da Aprovação do Curso

Relações Públicas: **revista comemorativa, homenagens e selo marcam os 40 anos do curso**

Na lista dos melhores cursos do Brasil, a graduação em Relações Públicas da Ufam é a mais premiada da Região Norte em congressos científicos da área

Premiações, aperfeiçoamento constante do corpo docente, implantação bem-sucedida do novo projeto pedagógico e um grande número de egressos inseridos com êxito no mercado de trabalho. Essas são algumas das conquistas que marcam a comemoração dos 40 anos do curso de Relações Públicas da Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Todas elas foram celebradas em um encontro ocorrido entre 29 de novembro e 1º de dezembro de 2017.

O idealizador dos cursos de Administração e de Relações Públicas da Ufam, professor aposentado Randolpho Bittencourt, relata como surgiu a proposta para a graduação em RP. "Depois de formado em Direito, fui cursar uma pós no Rio de Janeiro. Lá eu compreendi a importância das Relações Públicas. Gostei tanto que, para o meu trabalho de conclusão, escolhi esse tema. Voltei a Manaus e logo propus a criação do curso de Administração da Ufam, tendo RP como uma disciplina. Depois, achei que o espaço ficou pequeno para uma área tão grande... Eu e o Walmir [Albuquerque] submetemos um único projeto e ele deu certo. Hoje estamos comemorando os 40 anos do curso. Ensinei e aprendi muito na Ufam", recorda.

A coordenadora da graduação, professora **Judy Tavares**, relata os desafios superados ao longo dessa trajetória. "A nossa estrutura curricular era de 1984 e, em 2012, estávamos com apenas quatro professores para dar conta da implantação de uma nova matriz, que trazia toda a atualização das técnicas utilizadas no processo de comunicação e nas diversas mídias. Foi um desafio duplamente superado, porque os professores ausentes naquele momento estavam cursando mestrado ou doutorado, e o aperfeiçoamento constante sempre foi uma das prioridades", enfatiza.

1969
Criação do curso de Comunicação Social pela Resolução nº 02 do Conselho Universitário (Consuni)

1972-1977
O ensino de Relações Públicas fazia parte do currículo do curso de Comunicação apenas como disciplina

1977
RP torna-se habilitação específica pela Resolução nº 005 do Consuni

Ela também destaca a contribuição do curso para desenvolver o pensamento crítico comunicacional na região amazônica. “Nessas quatro décadas, já formamos profissionais com reconhecida produção acadêmica em congressos científicos, o que demonstra a relevante contribuição para o pensamento crítico na área da Comunicação na Amazônia. Nossos alunos topam os desafios. Por exemplo, queríamos um Museu Virtual e ele se realizou; queríamos um *site* e ele foi produzido; queríamos uma revista institucional e ela foi lançada; almejávamos uma publicação científica virtual e ela está disponível”, enumera.

Segundo avalia a docente, esse perfil leva os egressos a boas colocações no mercado de trabalho, no Amazonas, no Brasil e no cenário internacional. A professora explica que essas trajetórias podem ser consultadas no Museu RP, trabalho orientado por ela e premiado nacionalmente Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), principal evento da área no País. “O curso caminha para a maturidade e a tendência é investir mais na extensão e nos projetos de pesquisa”, garante a coordenadora do curso.

Atuação intensa e otimismo

Para a vice-coordenadora, professora **Aline Lira**, fazer parte dos 40 anos das Relações Públicas na Ufam é motivo de orgulho e carinho. “É o momento de reconhecer tudo o que essa graduação se tornou. Quando me vejo como professora, eu não tenho como não olhar para trás e não me lembrar de tudo o que aprendi com a professora Socorro Pereira, que já se aposentou; com a professora Ierecê Barbosa, que também já está aposentada; e com a professora Célia Carvalho, que continua na ativa formando novos profissionais. O sentimento é de pertencimento a esse curso pelo qual eu tenho muito carinho e amor”, declara.

Ela também ressalta os avanços didático-pedagógicos e o alinhamento do Projeto Político Pedagógico (PPP) às recentes demandas comunicacionais como fatores de crescimento. “Faço parte do curso de Comunicação Social há 25 anos, pois ingressei na Universidade em 1992, como discente, sempre muito engajada. Fui bolsista de iniciação científica e do escritório-escola; fiz muito estágio e me

envolvi bastante em projetos. Acompanhei umas quatro gerações do curso. Eu tinha aula de Redação na máquina de datilografia, mas, hoje, eu leciono Redação e os alunos escrevem diretamente no celular”, compara a docente.

O atual PPP aborda questões recentes no campo da Comunicação. Se havia engajamento em sua época de discente, todas essas mudanças, segundo ela avalia, são capazes de atrair ainda mais o compromisso de discentes e docentes. “Somos o curso da região Norte que mais recebe prêmios e, em particular, eu já vislumbro duas premiações no ano que vem”, antecipa a professora Aline Lira, ao mencionar a revista e o *site* institucional do bacharelado.

1984
Implantação do Currículo Mínimo para as habilitações em Comunicação Social

2012
A atual estrutura curricular foi implantada

2017
A graduação em Relações Públicas comemora 40 anos

Mérito e dedicação

Com nove professores de carreira, sendo quatro mestres e cinco doutores, o curso de RP sempre contou com os mais renomados profissionais da área em seu corpo docente. Seis deles são egressos da Ufam, como é o caso do professor Jonas da Silva Gomes Júnior.

Em dezembro de 2017, ele recebeu, em Brasília, o Prêmio Celso Furtado de Desenvolvimento Regional pelo trabalho 'ONGs Transnacionais e os Sentidos de Sustentabilidade Amazônica: imaginário, discurso e poder'. A publicação resultou de tese homônima defendida perante o Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura da Amazônia (PPGSCA) e rendeu o primeiro lugar na categoria 'Amazônia – Tecnologia e Inovações para o PRDA (Plano Regional de Desenvolvimento da Amazônia)'.

Para ele, o mérito da conquista também é da Instituição. "O curso de RP da Ufam tem tradição porque contribui há 40 anos na formação de gestores da comunicação. Esse prêmio é mais uma demonstração da qualidade dos trabalhos desenvolvidos aqui. Sou ciente de que não é apenas mérito meu, mas de toda a Universidade", declara o docente.

A professora Socorro Pereira emociona-se ao ver reconhecida sua contribuição. "Quero dizer da minha alegria de rever colegas, ex-alunos, pessoas que, do tempo que eu saí para agora, estão em outro patamar e dão toda a grandeza que sempre vislumbramos para essa formação. Fico emocionada por sentir que contribuí também. Fui aluna do professor Randolpho, que tanto lutou pelas Relações Públicas. Desde então, os avanços são muitos e, hoje, RP não é só uma habilitação, mas um curso. Parabéns a todos que continuam essa luta", agradece ela.

Mesmo com uma trajetória mais recente na Ufam, de oito anos, o professor Henrique Whendhausen já foi coordenador da graduação por duas vezes. "Eu tenho me dedicado com exclusividade ao curso e tive a honra de presidir nosso Projeto Pedagógico vigente", recorda ele, para quem lecionar na Ufam é sinônimo de aprendizado. "É uma alegria muito grande participar deste momento e conhecer outras pessoas que, com suas trajetórias, contribuíram com a história das Relações Públicas no Amazonas", complementa.

Estrutura Atual

Distribuído em
8 períodos

Formação humanística, crítica e analítica do mercado de trabalho aos alunos.

Atividades

- Agência Experimental e a revista Conexões;
- Monitoria e Grupos de Pesquisa;
- Programa de Educação Tutorial (PET);
- Grupo de Pesquisa em Semiótica da Comunicação (Mediação);
- Grupo de Estudos e Pesquisa em Ciências da Comunicação, Informação, Design e Artes (Interfaces).

Os discentes também têm a possibilidade de desenvolver Iniciação Científica (PIBIC).

Fonte: da entrevista.

Muito a comemorar

O encontro foi planejado como espaço de reflexão sobre as práticas acadêmicas e, ao mesmo tempo, para homenagear os profissionais de destaque no Amazonas ao longo dessas quatro décadas. A presidente da Comissão Organizadora do Encontro Comemorativo, professora Célia Carvalho, aborda a relevância da atividade.

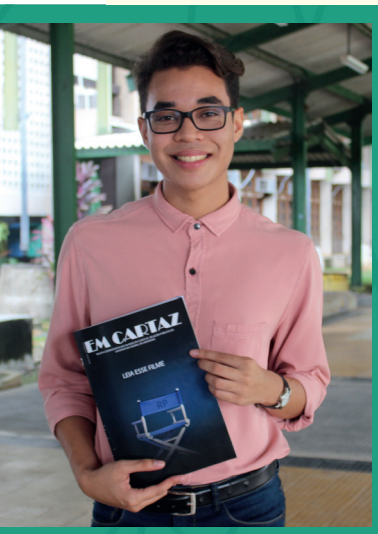
"Reunimos professores, ex-professores, aposentados, acadêmicos, egressos e profissionais para celebrarmos uma história de muito sucesso. Ao longo de 40 anos, essas pessoas dedicaram ou ainda dedicam parte de suas vidas, com empenho e capacidade crítica, para levar o curso adiante. Todos receberam as devidas homenagens e também houve espaço para exposição de trabalhos, relatos de experiência e lançamentos", enumera a professora Célia Carvalho, ao assinalar os pontos altos da programação.

A docente relembra passos importantes para o fortalecimento da graduação: "Quando eu ingressei como docente, em 1993, nós ministrávamos aulas para apenas três alunos e nem tínhamos ideia se o curso continuaria ou se iria fechar. Mas ele continuou pela garra e pela determinação dos docentes e discentes. Ele é importantíssimo para a área de Relações Públicas no Amazonas, basta observar a inserção dos egressos em diversas organizações públicas e privadas, levando o nome da nossa instituição. Isso nos enche de orgulho".

Um dos grandes momentos da comemoração foi a mesa-redonda 'Memórias do curso de Relações Públicas', da qual participaram os idealizadores do curso de RP, professores Randolpho Bittencourt e Walmir Albuquerque, das docentes aposentadas Socorro Pereira e Terezinha Lima, e da filha da professora Luiza Elayne Azevedo, a engenheira Janaína Brasil.

"Todos temos uma responsabilidade diante de Deus e essa responsabilidade está em devolver em dobro os talentos que ele nos deu; e é nesses encontros de gerações que se tem essa medida do que se pôde construir. Vocês são, de fato, o dobro desses talentos que recebemos e isso nos deixa extremamente gratificados", afirmou, durante o evento, o ex-reitor da Ufam e egresso da primeira turma de Comunicação Social da Universidade, professor Walmir Albuquerque.

Outra homenageada, a professora Terezinha Lima parabenizou o trabalho de preservar a memória do curso de Relações Públicas. "É um prazer enorme estar aqui na Ufam. Eu me sinto muito orgulhosa desse legado que nos deixaram os professores Randolpho e Walmir. Cada um de nós que já passou por aqui tem um filme do que passou nesse espaço. Como sou cíclica, hoje sou gerontóloga, mas garanto uma coisa: você pode até sair das Relações Públicas, mas elas nunca saem de você", ressalta a ex-professora durante o encontro comemorativo.



Em Cartaz

"Fruto da disciplina 'Produção Textual para Meios Impressos', ministrada pela professora Célia Carvalho, a revista é alusiva aos 40 anos do curso na Ufam. Da primeira à última página, utilizamos a linguagem cinematográfica para tornar a leitura mais leve e dinâmica. Esse foi um desafio para toda a turma... Escrevi o editorial e acompanhei a produção de todos os textos. Para nós, foi muito interessante conhecer a história do curso de diferentes formas. Foi muito bom conhecer tudo o que foi percorrido até aqui, as premiações, o processo de mudança da matriz curricular... Levarei o curso de Relações Públicas para a vida, tanto profissional quanto particular. Sabendo do dinamismo que a profissão exige, temos que nos adaptar o tempo inteiro, de acordo com cada ambiente e diante de cada público. Ainda não estou certo de que área seguir dentro das Relações Públicas, mas eu já me envolvo bastante com a área de Cerimonial e eventos. Agora, com a produção da revista, me apaixonei por comunicação institucional".

Acadêmico do 4º período de RP, Antônio Carlos Lopes foi o editor-geral da revista Em Cartaz.

Tempo de se reinventar: **criado para durar cinco anos, o curso de Biblioteconomia completa cinco décadas de pioneirismo no Amazonas**

Primeira na região Norte, a graduação se renova após 50 anos de sua criação, reafirmando a importância para a sociedade amazonense e traçando perspectivas para uma pós-graduação

O curso de Biblioteconomia completou 50 anos de sua instalação em 2017 revigorado pela possibilidade de crescer, após o surgimento da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC). Criada no dia 14 de novembro 1966 e passando a funcionar em 1967, a graduação chega à maturidade ciente de suas responsabilidades socioculturais e políticas e comprometida com o desenvolvimento do Amazonas e do Brasil.

Projetado para funcionar durante apenas cinco anos, o curso tinha os objetivos de atender à demanda de organização das bibliotecas da então Universidade do Amazonas (UA) e de realizar o trabalho documental de apoio à Zona Franca de Manaus (ZFM) e a outras instituições formadas por intermédio de um projeto industrial recém-inaugurado na região Norte.

A despeito da concepção inicial, a competência dos professores e colaboradores preponderou para tornar permanente a formação. "Na década de 1960, a Ciência da Informação estava em franca expansão no País, tendo sido conduzida pelas tecnologias e revoluções pós-Segunda Guerra Mundial", comenta a professora Amanda Bessa, coordenadora da graduação.

Ao conciliar o desenvolvimento da Biblioteconomia e a instalação da Zona Franca, vislumbrou-se a possibilidade de, após aquela fase embrionária de implantação do curso superior, torná-lo constante no quadro de graduações da Universidade. A atuação dos bibliotecários

1967 — Implantação do curso e aprovação do primeiro projeto pedagógico

1972 — Início do projeto que argumentou sua permanência na Universidade

1973 — Passou a constituir, junto ao curso de Comunicação Social, o Departamento de Comunicação e Biblioteconomia (DCB)

1975 — Integração ao antigo ICHL

Maria Lenir, Ruth Arruda, Dayse Botelho e alunas em Biblioteca.

Formatura da turma de 1996 de Biblioteconomia/Ufam
Fonte: http://www.cazadoresdebibliotecas.com

Rodolfo Tsupal, Maria Sidney e Algenir Suano, egressos da turma de 1969, e que depois se tornaram professores, foi decisiva para que o curso ultrapassasse a barreira dos primeiros cinco anos. A formação profissional voltada à educação necessitava, pois, de bibliotecas para funcionar... E isso tornou a área reconhecida e capaz de se consolidar para além da previsão inicial.

Havia uma projeção de crescimento no estado do Amazonas, com indústrias se formando a partir do funcionamento associado à documentação de arquivos. Essa demanda foi um dos argumentos utilizados para justificar a permanência da graduação.

"Quando se criou o curso, ainda não havia projeção de torná-lo permanente. O pensamento era fazê-lo funcionar pelo tempo de cinco anos e, dependendo do desenrolar, seria tomada uma nova posição. Depois que se verificou sua real projeção de desenvolvimento, nos setores público e privado, trabalhou-se a ideia de continuidade", afirma o professor Raimundo Martins de Lima, ex-coordenador do curso e presidente do Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB).

Após ser incluída no conjunto de cursos regulares, a formação em Biblioteconomia passou por várias mudanças administrativas, tendo sido vinculada primeiramente ao Departamento de Letras e Biblioteconomia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL). Em 1973, com a criação do curso de Comunicação Social, o bacharelado passou a fazer parte do Departamento de Comunicação e Biblioteconomia. Somente depois de criado o Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL), no ano de 1974, os cursos foram separados e geridos individualmente.

Após a implantação do curso de Arquivologia, em 2009, ainda no ICHL, este passou a compor o Departamento de Arquivologia e Biblioteconomia (DAB), no ano 2012. Mais recentemente, em 23 de fevereiro de 2017, nasceu a Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), criada pela Resolução nº 025/2016 do Conselho de Administração da Ufam (Consad). A nova Unidade, uma das quatro oriundas do desmembramento do antigo ICHL, contempla as graduações em Arquivologia, Biblioteconomia, Jornalismo e Relações Públicas.

1980
Criação do Centro Acadêmico do curso

1990
Realização do primeiro concurso para ampliação do quadro docente

2009
Com a criação do curso de Arquivologia, as duas graduações passam a constituir um único Departamento

2017
Jubileu de Ouro da Biblioteconomia e Criação da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC)

Crescimento colaborativo

Durante a trajetória de meio século, o bacharelado experimentou dificuldades, especialmente na fase inicial, como a escassez de profissionais formados na área. Para solucionar a questão, um fato marcante foi o concurso público para contratação de professores, realizado no início dos anos 1990. O aspecto recebeu a merecida atenção porque o quadro crescia lentamente desde 1960, apenas no sentido de repor as perdas, mas nunca na perspectiva de ampliação.

"Havia poucos professores que eram efetivamente da Biblioteconomia. Esse quadro escasso estagnava também a possibilidade de crescimento profissional, porque não se poderia enviar alguém para fazer mestrado ou doutorado... Na época, por exemplo, ainda não existia a figura do professor substituto. O concurso de 1990, que foi quando eu ingressei, também agregou docentes de outras áreas", recorda o professor Raimundo Martins de Lima.

Essa ampliação do quadro promoveu avanços na graduação, pois se poderia ter, finalmente, a possibilidade de qualificar os docentes ativos em nível de mestrado e doutorado. Além disso, foi expressiva a colaboração de profissionais de áreas como Sociologia, Comunicação, Filosofia, Psicologia, História,

Informática, Direito e Letras - Língua Portuguesa, ajudaram os alunos a perceber dimensões socioculturais e políticas desse campo profissional.

Nos últimos 50 anos, foram elaborados seis projetos pedagógicos, nos anos de 1967, 1974, 1985, 1989, 1994 e, o último, em 2009. Todos os documentos seguiram as diretrizes nacionais para área, conforme a avaliação do mercado. O novo projeto está em estudo e a perspectiva de implantação é 2018, fazendo um ajuste entre matérias teóricas e práticas. A atual gestão tem como coordenadora a professora Amanda Bessa e como vice a professora Dayse Botelho.

Um novo começo

Docentes e discentes avaliam que a criação da FIC surgiu como uma oportunidade importante de ampliar as atividades do bacharelado. O profissional da área tem hoje projetos de trabalho pautados na venda de serviços para a indústria e para o mercado da informação. No sentido de viabilizar a formação integral, a proposta é aumentar o nível compromisso ainda na graduação.

Para a professora Amanda Bessa, a nova Unidade Acadêmica representa uma aproximação direta do curso com suas metas e projetos. "Temos a oportunidade de ter contato efetivo com a direção e vários avanços já estão sendo fomentados. Eu vejo um futuro muito brilhante para a Biblioteconomia nessa Faculdade" comemora.

É uma novidade não apenas para os docentes, mas também para os acadêmicos, como avalia Luiz Eduardo Coutinho, graduando e presidente do Centro Acadêmico de Biblioteconomia do Amazonas (Cabam). "De certo modo, a chegada da FIC foi inovadora, porque a tecnologia se desenvolve muito rápido. A FIC surgindo para a Biblioteconomia no Amazonas, que foi sempre tão voltada pro meio social, une duas áreas distintas: comunicação e informação. Acho muito importante um bibliotecário ficar ciente de que ele pode expandir sua atuação e isso pode ocorrer a partir da proximidade com a comunicação, por exemplo. Participar dessa integração vai valer muito como experiência durante o bacharelado", observa o discente.

Meio século

O Jubileu de Ouro foi comemorado em novembro de 2017, repleto de homenagens a docentes aposentados, como Denise Benchimol, que fora uma das primeiras a lecionar na graduação. "É um evento para todos aqueles que construíram essa trajetória. Estamos homenageando os atores fundamentais para a permanência do curso e, sobretudo, aquele que lutaram para mostrar a nossa função de atender a região Norte", aponta a professora Célia Simonetti.

A Assembleia Legislativa do Amazonas (ALE/AM) também prestou reconhecimento pelos 50 anos de história do curso em sessão especial, no dia 30 de novembro de 2017. O reitor, professor Sylvio Puga, destaca o pioneirismo da Biblioteconomia na Ufam. "É muito relevante vermos esse prestígio externo, pois é desse modo que a sociedade passa a valorizar ainda mais o trabalho dos bibliotecários, profissionais de extrema importância para a educação", ressalta.

Outras perspectivas estão na constituição de um mestrado profissional em Gestão de Arquivos e Bibliotecas, cuja proposta já foi submetida à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), e na implantação de Doutorado Interinstitucional (Dinter) em parceria com a Universidade de Marília (SP), este no sentido de incrementar a qualificação docente.

Segundo o professor Raimundo Martins de Lima, as parcerias devem fomentar a capacidade de produção técnica daqueles que já exercem a Biblioteconomia nas várias instituições do estado ou fora dele. "Claro que o nosso objetivo principal é possibilitar a continuidade da qualificação aos profissionais do Amazonas, onde já existe uma demanda", enfatiza.

Assim, a renovação dos projetos da Biblioteconomia reafirma sua importância na sociedade contemporânea, sendo o bibliotecário a peça fundamental no objetivo de sistematizar dados. Ao se considerar o contexto da 'Era tecnológica', as informações circulam de forma rápida e imprecisa, tornando indispensável a atuação do profissional teórica e tecnicamente habilitado para organizá-las e selecioná-las. Sem dúvida, essa necessidade se torna ainda mais evidente no âmbito das instituições, sejam elas públicas ou privadas.

"A Biblioteconomia tem tudo a ver com minha vida, com a minha existência. Eu tinha 20 anos quando ingressei no curso e 24 quando colei grau, no ano de 2000. Toda a minha carreira começou a partir daí, e ela está resumida à Biblioteconomia e à Ufam. Em 2002, eu fiz uma seleção para substituta do antigo departamento de Biblioteconomia e passei. Fiquei de 2002 a 2004 nesse cargo. Assim que terminou meu contrato, foram abertos dois concursos, um para professor de carreira e outro para bibliotecário documentalista da Biblioteca Central. Fiz os dois e passei para bibliotecária e para professora, sendo este em segundo lugar, mas tinha apenas uma vaga para docente. Assumi como bibliotecária na Escola de Enfermagem e fiquei de 2004 até o fim de 2005 trabalhando na biblioteca. Em outubro de 2005 fui chamada para ser professora efetiva. Tomei posse em novembro de 2005 e continuo aqui até hoje. Fiz mestrado na UFSC [Universidade Federal de Santa Catarina]... Então, tudo o que eu consegui na vida eu devo à Biblioteconomia".

Amanda Bessa, professora egresssa e atual coordenadora do bacharelado.

FARMÁCIA 50 ANOS 1967-2017

50 anos do curso de Farmácia no Amazonas: **uma história contada a várias mãos**

Em meio século de atividades ininterruptas, o curso já graduou mais de mil profissionais. No entanto, a história conta que os primeiros farmacêuticos colaram grau em janeiro de 1912

A história do curso de Farmácia da Universidade Federal do Amazonas confunde-se com a da própria Instituição, sendo um dos cursos criados já em janeiro de 1909, na então Escola Universitária Livre de Manáos. Em novembro daquele ano, o Conselho de Organização da Escola Universitária definiu o corpo docente do curso, ora composto por Galdino Martins de Souza, Francisco da Costa Fernandes, Raymundo Palhano, Vicente Telles de Souza Júnior e Astrolábio Passos, sendo este substituído mais tarde por Basílio Franco de Sá.

Ginásio Amazonense no início do século XX, local onde se formou a primeira turma da Universidade.

1910 Iniciam as aulas na Universidade Livre de Manáos, já com o curso de Farmácia

1912 Colação de grau da primeira turma de farmacêuticos, com oito formandos

1926 Extinta a Universidade Livre de Manáos, permanece em atividade a Faculdade de Farmácia e Odontologia

1944 Graduação da última turma do curso na estrutura antiga

1967 O curso passou a ser ofertado na Universidade do Amazonas (UA)

1970 Graduação da primeira turma na nova fase da Instituição

Primeira Fase
1909

Com sede no Grupo Escolar Saldanha Marinho, as atividades dos cursos da primeira universidade do Brasil foram iniciadas em março de 1910, com 164 alunos. Com dois anos de duração, o curso Farmácia possuía as disciplinas de Química Médica, História Natural Médica e Farmacologia (Farmácia Química e Prática), com aulas teóricas e práticas. Elas eram ministradas em locais como o Laboratório Químico do Estado e na Farmácia Telles, de propriedade de Vicente Telles de Souza Júnior.

Em 1º de janeiro de 1912, a primeira turma colou grau no Ginásio Amazonense, com oito formandos. Além deles, formaram-se turmas de Agrimensura e Odontologia.

No livro "Contribuição à História da Farmácia", de 1979, a professora Maria Lúcia Carvalho resgatou a história da Escola Universitária Livre de Manáos e da graduação em Farmácia. Segundo ela, a Escola direcionou-se à preparação de farmacêuticos, embora sem enfoque na área de análises clínicas devido a limitadas condições estruturais.

"Marcou-me muito saber que, para fazer as preparações, os produtos eram importados da França. Os professores mandavam comprar. Já pensou vir álcool da França?! O quanto não deveria custar?! Era muita vontade de oferecer um curso com uma prática, porque não se entende essa formação sem a prática", declara ela.

Mesmo com a extinção da Escola Universitária, em 1926, a Faculdade de Farmácia e Odontologia continuou em atividade, de modo independente. A Escola Agronômica de Manaus e a Faculdade de Direito também permaneceram. Em 1944, a Faculdade de Farmácia graduou sua última turma na antiga estrutura.

Professora Maria Lúcia Carvalho registrou a história do curso de Farmácia.

1978 – Primeiro curso de Especialização em Análise Instrumental

1984 – Primeiro Mestrado em Ciência de Alimentos

2007 – Criação da Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF)

2009 – Implantada a pós-graduação em Ciências Farmacêuticas, com o mestrado

2013 – Início do curso de doutorado em Associação Plena com UFG, UFPA e UNIFAP

2015 – A Unidade Acadêmica foi transferida para o setor Sul do *Campus* Universitário

Segunda Fase
1967

A Fundação Universidade do Amazonas (FUA) foi criada em de junho de 1962, pela Lei nº 4.069-A, dando origem também à Faculdade de Farmácia e Odontologia. Em 1965, ocorreu a instalação da UA, agora com o perfil de instituição pública. A atuação dos professores Mário Augusto Pinto de Moraes, Manoel Bastos Lira e Afonso Celso Maranhão Nina foi essencial para a implantação dos cursos da área de Saúde.

"Eles não mediram esforços para viabilizar o projeto. Aquela afobação toda para se criar os cursos da Saúde, estando eles ou não em condições ideais, se justificava porque, se fôssemos esperar as condições ideais, demoraria muito. Havia certa pressão, no melhor sentido, do então reitor,

Antiga sede da Faculdade de Farmácia e Odontologia, no bairro de Aparecida

Primeiros Anos

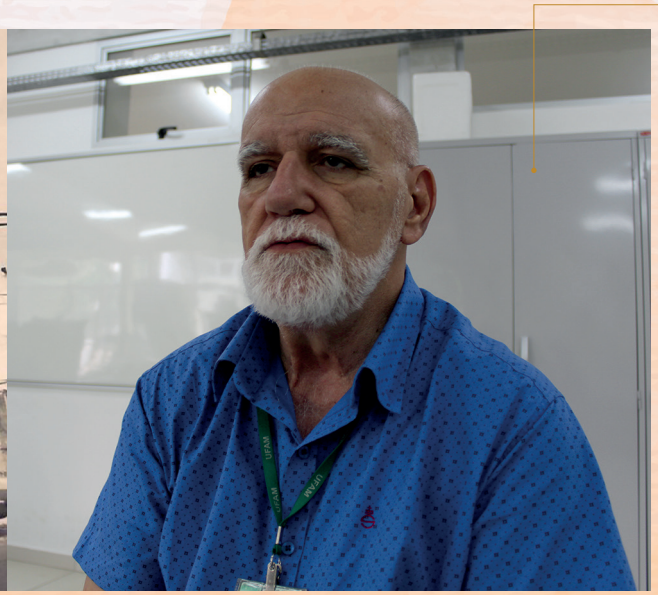
"Começamos num prédio do Grupo Escolar Plácido Serrano, que hoje seria nas imediações do complexo do HUGV", informa o discente da turma de 1970, professor **Miguel Ângelo da Silva**.

Ainda sem a estrutura necessária, o apoio do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (INPA) permitiu oferecer formação de qualidade. "No início, os professores Lira, Nina e Mário Augusto eram pesquisadores do Inpa, o que ajudou. Quem dirigia o Instituto era o doutor Djalma Batista, e ele disponibilizou laboratórios para as práticas", revela o professor Arruda.

Voltado às análises clínicas e à formação como farmacêutico bioquímico, o curso iniciou com a colaboração de convidados que ministravam disciplinas complementares, para as quais a UA não tinha quadro próprio. A ação proporcionou aos estudantes a vivência com a elite farmacêutica brasileira, como Maria Teresa Vale Noto – do Instituto Nacional de Energia Atômica, Gilberto Villela, Henrique Tastaldi e Otto Bier.

"A professora Maria Teresa veio ministrar Radioquímica. O professor Lira conseguiu articular a vinda dela. Nós não tínhamos nada de aparelhagem. Ela trouxe tudo que precisávamos e deu um curso impressionante", recorda o professor Arruda. "A primeira turma teve um curso paradoxalmente rico de experiências por conta do INPA e do professor Lira", reconhece.

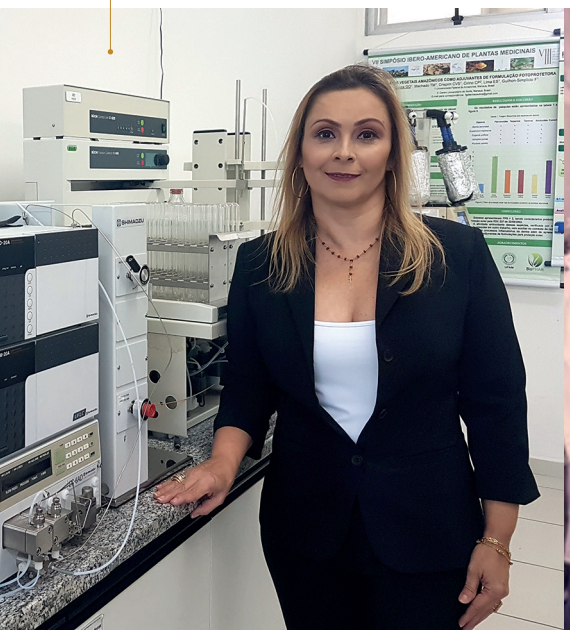
professor Jauary Marinho, que via a criação dos cursos como uma batalha a ser vencida, porque talvez não houvesse uma segunda janela aberta", conta o egresso da primeira turma de Farmácia da Universidade do Amazonas (UA), professor **Frederico Arruda**.



O curso voltou a ser oferecido em 1967, e teve sua primeira formatura em 1970, com 11 alunos. A atuação dos pioneiros foi fundamental para o sucesso da iniciativa. "O Lira foi a alma disso tudo. Até porque nenhum dos farmacêuticos antigos se aproximou muito ou quis se envolver. Todos tinham farmácias bem sucedidas, não estavam dispostos a participar", conta Arruda sobre aquele que foi um dos egressos da turma de 1934, Manoel Bastos Lira.

Desde 2005, a Ufam passou a formar o farmacêutico generalista para atuar nas áreas de medicamentos, alimentos, análises clínicas e toxicológicas. O referido curso possui o conceito 4 no Enade, desde a criação desse sistema de avaliação pelo MEC, em 2004, conforme relata a diretora da FCF, professora **Débora Ohana**.

Aos poucos, a Universidade adquiriu estrutura própria para a realização das atividades. "Houve grande crescimento da profissão. A formação atual de generalista levou a FCF a se adequar às novas diretrizes curriculares nacionais. Com isso, foram dados novos rumos para a educação farmacêutica, modificando a organização do curso, dando-lhe um caráter mais humanístico, ressaltando o compromisso com a sociedade", esclarece a professora Ohana.



Acadêmicos em aula prática no laboratório de Farmacognosia, em 2004.

Corpo Docente

Em 1974, o professor Miguel Ângelo da Silva retornou à Instituição, agora como docente. “Os professores que entraram na Universidade não tinham quadro de lotação, mas o extraquadro. Ainda não eram exigidos concursos públicos, somente a análise curricular”, explica ele.

“Em 1974, iniciou a implantação do quadro, por exigência do Ministério da Educação (MEC), e a seleção por concurso. A Constituição de 1988 garantiu a permanência daqueles que já lecionavam”, completa o docente, hoje com 43 anos de serviço.

Naquele tempo, a graduação bastava para ingressar como docente universitário. Em muitos casos, egressos das primeiras turmas passaram a compor o quadro de magistério superior. “Colei grau em janeiro de 1971 e fiz a seleção em outubro daquele ano”, testemunha o professor decano da Ufam, com 46 anos de atividade, Frederico Arruda.

Anos depois, o governo federal passou a exigir o grau de especialista para o exercício docente. Baseado nas informações do MEC, os professores da Farmácia, com grau de mestre, criaram e submeteram à aprovação no Conselho Universitário (Consuni) o primeiro curso de especialização em Análise Instrumental, no ano de 1978.

Por iniciativa do professor João Galvão, criou-se o primeiro Centro de Informações Toxicológicas do Amazonas em 1985, no Hospital Universitário Getúlio Vargas (HUGV).

Já em 1984, numa ação conjunta entre a Ufam e o INPA, foi criado o Mestrado em Ciência de Alimentos, vinculado à Farmácia, sendo esse o primeiro curso *stricto sensu* da UA e atraindo mestrandos de diversos estados brasileiros e dos países amazônicos.

A realidade é bem diferente hoje. Com quase 100% do quadro composto por doutores, foi possível oferecer a pós-graduação *stricto sensu*. Os últimos dez anos foram fundamentais para consolidar essa conquista. “Com certeza houve incentivo na época, e um estimulo recíproco entre a gestão da UA e o curso para que todos se qualificassem. Portanto, esse crescimento faz parte da união que nós temos”, ressalta a professora Débora Ohana.

No *Campus*

Originalmente vinculado à Faculdade de Ciências da Saúde (FCS), o curso tornou-se independente em 2007, tendo como primeira diretora a professora Maria de Meneses, que ocupou o cargo por oito anos. “A criação da Unidade própria foi de enorme importância para a

autonomia e o crescimento do curso", declara a professora Débora. "A conquista do **prédio**, a estrutura laboratorial, a qualificação docente e a manutenção do conceito 4 são resultados muito positivos", elenca.

"Um dos nossos sonhos que se tornou realidade foi estar aqui no *Campus*, pois isso faz com que a nossa interação seja mais efetiva. No prédio da Aparecida, nós estávamos isolados e era muito difícil fazer pesquisas, agora estamos no *Campus* devido ao esforço institucional. A mudança foi em 2015 e nos deixou muito satisfeitos", complementa a professora Ohana.

Mestrado e doutorado

Em seus 50 anos de atividades ininterruptas, já foram graduados mais de mil profissionais. Além do êxito em nível de graduação, uma de suas principais conquistas foi a oferta de cursos *stricto sensu*, nos níveis de mestrado e doutorado. A necessidade de tê-los em área específica, a separação da Faculdade de Ciências da Saúde, a chegada de professores já titulados e a expansão da pós-graduação no Brasil foram alguns dos fatores que favoreceram a criação do Programa de Pós-graduação em Ciências Farmacêuticas (PPGCF).

"Começamos a escrever projetos e aprovamos alguns, como o pró-equipamentos. Com o recurso, foi possível estruturar os primeiros laboratórios para começar o mestrado", conta o coordenador do programa, professor Emerson Lima. O curso teve início em 2009.

O próximo passo foi o doutorado, iniciado em 2013. A parceria com as Federais de Goiás (UFG), do Pará (UFPA) e do Amapá (UNIFAP) tornou possível ofertá-lo em Associação Plena, uma vez que não havia docentes em número suficiente. "Abrimos seleção e os mestres podem agora fazer o doutorado aqui. Com isso, o aluno consegue ter a formação completa específica na área de Farmácia", comemora o coordenador.

"A estratégia agora é para que, no próximo quadriênio, possamos evoluir para uma produção capaz de nos render o conceito 4 no mestrado. O doutorado foi muito bem avaliado pela Capes. Só não fomos para o conceito 5 por ainda não termos número suficiente de titulados. Acredito que na próxima avaliação essa meta seja alcançada", revela o professor Lima.

Futuro promissor

Com tantos avanços e conquistas desde a primeira fase até os dias atuais, a FCF celebra os 50 anos da Farmácia se preparando para voos ainda mais altos, como reimplantar a Farmácia Escola, que funcionou durante seis anos no antigo prédio do curso, no bairro de Aparecida.

"No térreo terá uma UBS que vai ser campo de estágio para os discentes, e também terá a dispensação de medicamentos. No primeiro andar, teremos a Farmácia Escola, com a manipulação de medicamentos", adianta a diretora.

"Continuaremos as parcerias com o HUGV, o HU Francisca Mendes e os Serviços de Pronto Atendimento Estaduais e Municipais. Estamos auxiliando nos exames citopatológicos coletados no Centro de Atenção Integral à Saúde [Cais]", explica.

Testemunhas ativas dessa trajetória, os professores Miguel Ângelo e Maria Lúcia acreditam que o futuro e a tecnologia trarão perspectivas outras. "Espero que haja muitas contribuições em temas basilares, como medicamentos com menos efeitos colaterais e de baixo custo. Que encontremos uma maneira de produzi-los a partir da nossa própria terra, das plantas, dos animais, ou que este seja nosso ponto de partida, tendo por base a Biotecnologia", expõe Miguel Ângelo. "Quero que o curso cresça ainda mais, se modernizando sempre. Eu desejo isso e que ele forme pessoas responsáveis! Isso é fundamental", completa Maria Lúcia.

Pós-Graduação

Ciências Pesqueiras 10 anos

Geografia 10 anos

Serviço Social 10 anos

Sociologia 10 anos

Educação 30 anos

PPG em Ciências Pesqueiras nos Trópicos: **dez anos de conhecimento científico a serviço do potencial aquático do Amazonas**

Além de manter parcerias com o INPA, o Ifam e a Embrapa, o Programa desenvolve trabalhos em colaboração com instituições dos Estados Unidos, da Austrália, da França e da Argentina

O Amazonas é um dos maiores mercados consumidores de pescado do Brasil e possui reconhecida riqueza hídrica. Em 2016, o estado ocupou a sétima posição no *ranking* da Associação Brasileira de Piscicultura (Peixe BR), quando respondeu por 27,5 mil toneladas de um total de 640,5 mil T da produção nacional de pescado.

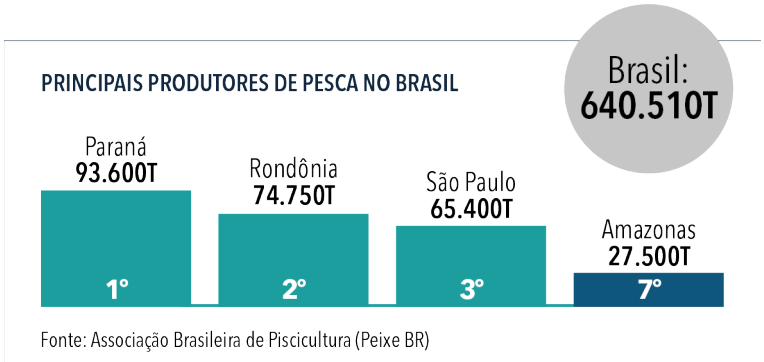
Iniciado há uma década, com o mestrado, o Programa de Pós-Graduação em Ciências Pesqueiras nos Trópicos (PPG-CIPET) trabalha na perspectiva de contribuir com a sustentabilidade desta que é uma das mais significativas reservas de água doce do planeta. O doutorado veio em 2008, para dar continuidade à qualificação dos pesquisadores nessa área.

> **"A necessidade de criação de um programa como o Cipet mostrava-se principalmente pela oportunidade de discutir os usos dos recursos aquáticos, tanto na forma de extração direta, como a pesca, quanto na produção em cativeiro de animais aquáticos da Amazônia".**
>
> *Professor Carlos Freitas, um dos idealizadores do Programa.*

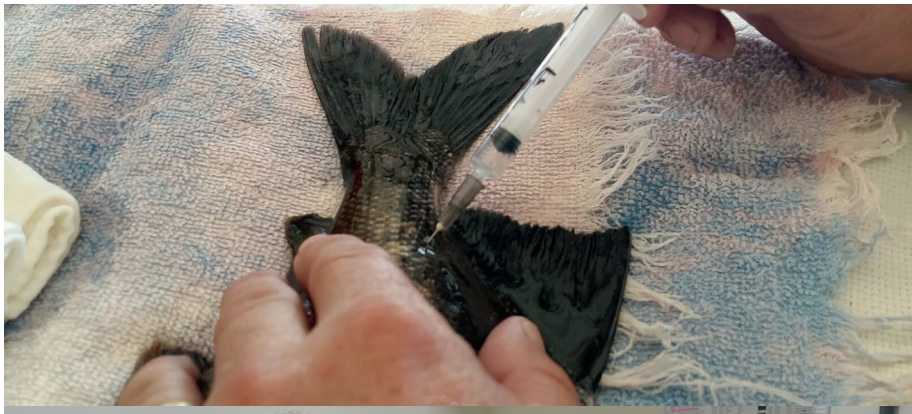
Fruto do desdobramento da graduação em Engenharia de Pesca, da Faculdade de Ciências Agrárias (FCA), o Programa vem responder à necessidade de aproveitamento de recursos da Amazônia no setor pesqueiro. "No Cipet, discutimos o uso dos recursos aquáticos, tanto na forma de extração direta, como a pesca, quanto na produção em cativeiro. Trabalhamos ainda no aproveitamento da pós-colheita, ou seja, do animal já capturado. E toda a área de tecnologia do pescado também foi envolvida na proposta do curso", explicou o professor Carlos Freitas, um dos idealizadores do Programa, sobre o planejamento do que, mais tarde, se tornariam as três linhas de atuação do PPG.

O grupo formado por sete professores do Departamento de Ciências Pesqueiras se uniu para planejar a pós-graduação, obtendo o apoio inicial de pesquisadores do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) e da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa).

"Essa parceria existe há muitos anos, mesmo antes da criação do Programa. O INPA, por sua proximidade física, sempre foi um parceiro nas pesquisas e orientações de iniciação científica da graduação em Engenharia de Pesca. A Embrapa recebia nossos estudantes para estágio supervisionado ou orientação em projetos do PIBIC [Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica]. Então, pode-se dizer que essa relação iniciou desde quando foi criada a graduação em Engenharia de Pesca, no ano de 1989, tendo sido fortemente consolidada em 2007", explica outro decano do PPG, professor Antônio Inhamuns.



Fonte: Associação Brasileira de Piscicultura (Peixe BR)



Desafios e avanços

Os primeiros passos demandaram dedicação e foco dos envolvidos. Dentre os desafios enfrentados no início estava o de congregar número suficiente de docentes produtivos vinculados à Universidade, essencial para fortalecer a Proposta de Aplicativo de Cursos Novos (APCN) submetida à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Único PPG específico da área no Amazonas até então, o Cipet tem muito a comemorar. Iniciou com 19 estudantes e, em uma década, já diplomou 73 pós-graduados, sendo 56 mestres e 17 doutores. Alguns desses egressos já fazem parte do quadro docente da Ufam, a exemplo das professoras **Kedma Yamamoto** e Flávia Souza, atuais coordenadoras do Programa.

A aprovação de projetos de pesquisa junto à Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam) também é motivo para comemorar. Dos cinco editais que beneficiaram o PPG, um possibilitou a aquisição de equipamentos e de infraestrutura para os laboratórios dos PPGs da FCA, cujo investimento superou R$ 1 milhão.

EDITAIS VENCIDOS E RECURSOS TOTAIS

Cinco editais e mais de **R$ 1 milhão** em recursos em apenas **dez anos**.

Washington and Lee University

fundada em 1749, ela recebeu esse nome em memória de George Washington e Robert E. Lee. Em 2017, o doutor em Economia James Randall Kahn, que é professor do PPGCipet e da WLU, ministrou curso correlacionando a questão econômica ao ambiente. A parceria entre a Ufam e a instituição internacional também possibilita a realização de doutorado sanduíche.

Número de formados

Mestres
56

Doutores
17

Total
73

A melhoria na infraestrutura é outro ganho. No início de 2007, as atividades dos cursos eram realizadas em ambientes compartilhados com a graduação. Mas, em 2013, o **prédio da Pós-BioAgro** trouxe melhorias às condições de estudo e de trabalho para o conjunto de cursos de pós-graduação da FCA e do Instituto de Ciências Biológicas (ICB).

No percurso, as parcerias sempre foram valorizadas, a exemplo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (Ifam), que incorporou três professores ao quadro docente; e da **Washington and Lee University**, que tornou possível a mobilidade estudantil de três alunas do Cipet por meio do doutorado-sanduíche e o credenciamento de um professor no curso. Outros pesquisadores de instituições internacionais também já colaboraram, por exemplo: School of Environmental Citizenship (EUA); School of Life & Environmental Sciences (Austrália); Unité Mixte de Recherche - Biologie des Organismes et Ecosystèmes Aquatiques (UMR BOREA/França); e Universidade de Buenos Aires (Argentina).

O desafio hoje é melhorar o conceito do doutorado na avaliação da Capes. Para isso, docentes e discentes elaboraram um plano contendo as tarefas a serem realizadas. "Nossa maior meta agora é resgatar a qualidade e a credibilidade do curso de doutorado. Estamos na fase de reformulação do quadro docente e trabalhando a conscientização sobre o papel dos pós-graduandos. Sabemos que a pós-graduação só existe nesse conjunto. Acredito que vamos conseguir resgatar, para o doutorado, a qualidade que sabemos possuir", analisa a coordenadora, professora Kedma Yamamoto.

Potencial Amazônico

Estudos indicam que, apesar da imensidão fluvial da Amazônia, são igualmente grandes os obstáculos para o crescimento da piscicultura na região, entre eles a deficiência estrutural dos municípios do interior, a ausência de modelos de gestão eficazes para a piscicultura e as insuficientes políticas públicas para o setor, além da burocracia e do elevado custo da regularização ambiental. O Amazonas carece, ainda, de estabelecer rumos quando se trata da utilização de seus recursos aquáticos.

Ao estudar as ciências pesqueiras e formar profissionais qualificados para o setor, o PPG demonstra que a academia está cumprindo seu papel para fortalecer o estado nessa área estratégica para a economia local. "Obviamente, o capital privado e o governamental são fundamentais

para o crescimento do nosso setor pesqueiro e aquícola. Carecemos de políticas públicas, em especial as ambientais, que incentivem o setor e possibilitem maior volume de investimento", observa o professor Antônio Inhamuns.

Nesta primeira década, o PPGCipet vem contribuindo para que o Amazonas assuma posição de destaque nos rankings nacionais e internacionais da área. "Claro que há muito para ser feito, e sabemos que esse trabalho é colaborativo, ou seja, não depende apenas do esforço acadêmico. Governo e instituições privadas partilham dessa responsabilidade", avalia.

"Mudar essa realidade é uma questão complexa que envolve vários outros segmentos, principalmente de cunho governamental e de políticas públicas de apoio ao setor. Não cabe somente a nós, da pesquisa e do ensino, resolver os entraves. Somos parceiros nesse processo, mas a mudança só ocorre se há vontade conjunta", reforça a professora Kedma Yamamoto.

Amadurecer juntos

Para os próximos dez anos, muitos objetivos são estabelecidos para o alcance de novos patamares. Segundo a coordenadora, o primeiro passo é manter a oferta do curso de doutorado e buscar o conceito 5 do Programa. Melhorar os indicadores de produção científica docente e discente é outra meta a ser perseguida nos próximos anos.

"A evolução do conceito será fruto do planejamento traçado para os próximos quadriênios", revela. "Esperamos que a publicação atinja os indicadores da Capes, fruto de um amadurecimento conjunto sobre a importância de publicar em periódicos de reconhecida qualidade", expôs a professora Kedma sobre um dos desafios contemporâneos do PPG.

Presente na pós-graduação desde o início, o professor Inhamuns ajuda a fortalecer as ações do Programa. A expectativa, segundo a projeção do decano, é a de que as investigações científicas contribuam para o desempenho crescente do setor pesqueiro na região Norte. "Meu foco é a formação dos profissionais, sempre acreditando que eles podem fazer e que já estão fazendo a diferença. Se não fosse a presença deles no mercado de trabalho, não teríamos evoluído ao nível atual, mesmo persistindo as barreiras ainda impostas", declara.

Sobre o futuro do Programa que ele ajudou a fundar, o professor é otimista: "Creio que o Cipet continuará como o principal formador de recursos humanos qualificados para solucionar questões relacionadas à pesca e à aquicultura no Amazonas. Consequentemente, essa atuação fortalecerá os recursos pesqueiros amazônicos. É o que perseguimos com este trabalho".

"Temos a exata noção da importância do programa em nível regional", enfatiza a coordenadora Kedma Yamamoto. "A passagem desta primeira década é um momento de reflexão, de pensar no caminho a seguir. Docentes e discentes estão bastante comprometidos para que os próximos anos sejam de contínuo trabalho coletivo e muito sucesso", finaliza.

GEOGRAFIA 10 ANOS 2007-2017

Uma década de contribuições para a Amazônia por meio do Mestrado em Geografia

A pós-graduação em Geografia da Ufam formou, em apenas dez anos, 109 mestres que atuam na pesquisa e no ensino. Os trabalhos ajudam a construir conceitos geográficos regionalizados

Numa jornada que completa dez anos em 2017, o único mestrado em Geografia presente no Amazonas está preparado para avançar e, inclusive, já se planeja ofertar o primeiro curso de doutorado do Norte. No último quadriênio, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) avaliou 64 programas de pós-graduação em Geografia do País e apenas três garantiram o conceito 4, dentre eles o PPG da Universidade Federal do Amazonas.

Para alcançar esse mérito, dedicação e planejamento foram fatores essenciais desde 2006, quando a comissão de professores da graduação em Geografia se reuniu para elaborar os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), quesitos necessários para a criação do Programa.

"Ainda sem o número de docentes exigido, nós convidamos um pesquisador do INPA [Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia] e uma professora da UEA [Universidade Estadual do Amazonas], de linhas de trabalho similares, para nos ajudar na constituição da primeira proposta, formatada em 2007. De lá pra cá, chegaram novos professores e, hoje, já contamos com 15", relata o primeiro coordenador do curso, professor José Aldemir Oliveira.

A ideia de criar um mestrado acadêmico surgiu quando se observou a crescente demanda dos profissionais amazonenses para continuar sua formação na área da Geografia. A Licenciatura Plena já existia na Ufam desde 1980; e o Bacharelado, desde 1992. A partir daquele momento, houve um aumento significativo no número de profissionais especializados na região.

Nos municípios de São Gabriel da Cachoeira, Maués, Codajás, Coari e Manaus, a instauração do Plano Nacional de Formação de Professores da

1980 Criação da Licenciatura Plena em Geografia

1986 Criação do Departamento de Geografia

1992 Criação do Bacharelado em Geografia

2000 O Departamento de Geografia estabelece como meta a criação do PPG

Educação Básica (Parfor) possibilitou ainda o ingresso de centenas de professores nas escolas públicas do interior. Eles foram contratados com o objetivo de ministrar as disciplinas básicas, dentre as quais a Geografia.

Em São Gabriel da Cachoeira, por exemplo, a área das ciências geográficas foi ampliada pela atuação do Programa Nacional de Licenciatura Indígena (Prolind). A formação superior em 'Políticas Educacionais e Desenvolvimento Sustentável' foi a primeira licenciatura ofertada aos acadêmicos das etnias Tukano, Baniwa e Nheengatu, no ano de 2010.

A qualificação desses profissionais fazia parte dos planos do Departamento de Geografia, que trabalhou para tornar realidade o PPGG.

"O curso surgiu num período em que existia, do ponto de vista de políticas públicas, certo apoio à ciência e à pesquisa. Iniciamos no final da gestão do professor Hidembergue Frota, quando a Pró-Reitoria de Pesquisa era gerida pelo professor Altigran Silva. Sempre tivemos o apoio institucional necessário", reconhece José Aldemir.

Ele foi um dos entusiastas da criação do Programa, ao lado dos docentes do Departamento de Geografia. O curso nasceu vinculado ao antigo Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL), atualmente chamado de Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais (IFCHS).

Tipicamente amazônico

O Mestrado tem como área de concentração 'Amazônia: Território e Ambiente', e está dividido em duas linhas de pesquisa. A delimitação possibilita que as investigações sejam pautadas na realidade amazônica e permite repensar a teoria a partir das dimensões da sociedade e da natureza. Dimensionar os estudos nessa perspectiva ajuda a compreender a complexidade territorial e ambiental da região Norte, sendo essa a finalidade precípua do PPG.

'Domínios da Natureza na Amazônia' é a linha de pesquisa que compreende os estudos sobre paisagem

2006
Reuniões para determinar a área de concentração e as linhas de pesquisa

2007
Em setembro, o curso recebe credenciamento da Capes e inicia as atividades

2012
O PPGG é reconhecido pela Portaria nº 1.077-MEC, de 31 de agosto

2017
Dez anos de implementação do PPG

Variabilidade climática

variação das condições climáticas em torno da média climatológica de determinada localidade.

Paleontologia

estudo e descrição da geografia física do passado geológico.

Biogeografia

área da ciência biológica que estuda a distribuição dos seres vivos no espaço e através do tempo.

> “Como acadêmica e profissional, eu me sinto hoje mais preparada para o mercado de trabalho do que eu era antes”.
>
> *Nágila Situba, egressa do PPGE.*

natural, **variabilidade climática**, formação de áreas inundáveis, sistematização do território e gestão de recursos naturais. Abriga ainda a investigação dos temas **paleontologia**, geomorfologia e **biogeografia**, sempre numa perspectiva regionalizada.

A segunda, denominada ‘Espaço, Território e Cultura na Amazônia’, diz respeito aos aspectos étnico, cultural e socioespacial da relação do Homem com o meio, e ainda à geopolítica nas interações entre o rural, o urbano e o regional. Além disso, abrange a análise das mudanças socioculturais e a formação de novas territorialidades, políticas públicas e projetos relativos a estradas, mineração, energia, turismo, agronegócio, agricultura familiar e extrativismo.

Atuação em campo

Um curso nesses moldes, além de fortalecer a produção intelectual, viabiliza a capacitação de profissionais capazes de atuar tanto no ensino quanto na pesquisa da ciência geográfica, seja em instituições públicas, privadas ou não governamentais. Essa é a importância atribuída ao programa pela equipe que o compõe, assim como pelos mestres formados na última década.

A egressa Nágila Situba já atuava como professora em seu município

de origem, Tefé, distante 522,61 km de Manaus, em linha reta. Pausou as atividades de docência e veio para a capital em busca de qualificação. “Acredito que o mestrado proporciona muito conhecimento, e uma maneira de repassar esse saber é atuando na sala de aula. A princípio, meu desejo é voltar a lecionar na rede pública, porque sou consciente de que esses alunos precisam de professores mais qualificados. A solução está na base! Se nós não repassarmos o conhecimento necessário ainda no início do processo, os estudantes chegam à graduação ainda desnorteados quanto ao pensamento geográfico”, afirma a mestre.

A egressa, que integra o Núcleo de Estudos e Pesquisas das Cidades na Amazônia Brasileira (NEPECAB), tem o desejo de cursar o doutorado na Ufam. “É um privilégio ter feito o mestrado aqui na Amazônia. Eu estu-

LOCAL DE ATUAÇÃO DOS EGRESSOS

Universidade Federal do Amazonas: **09**	Universidade Federal Fluminense/RJ: **01**	Universidades e Faculdades particulares: **10**	Secretarias Estadual e Municipal: **03**	Educação de nível básico e médio: **46**
Universidade do Estado do Amazonas: **12**	Instituto Federal do Amazonas: **08**	Ibama, Sipam, Cemaden, Inpa, CPRM, Suframa: **07**	Outros órgãos públicos: **04**	Educação no Colégio Militar: **03**

dei sobre duas cidades, Tefé e Coari, mas tive colegas que realizaram pesquisas sobre cidades como Tapauá, que é quase desconhecida no Amazonas. Isso é uma enorme contribuição para a ciência, porque os estudos influenciam na elaboração de políticas públicas locais e na inovação ao se criar um rol de conceitos geográficos regionalizados. Como acadêmica e profissional, eu me sinto hoje mais preparada para o mercado de trabalho do que eu era antes, pelas leituras que eu pude fazer e pelos eventos de que pude participar", analisa.

Na última década, 109 mestres já se formaram. Grande parte atua em órgãos de planejamento socioambiental ou ainda em secretarias municipais, estaduais ou federais. Outros lecionam na rede de ensino básico, em faculdades privadas ou em universidades estaduais e federais.

De olho no futuro

Para discutir as contribuições científicas do PPG, promoveu-se um **seminário** alusivo aos dez anos do Mestrado. Nos dias 24 e 25 de agosto de 2017, professores, pesquisadores e discentes da graduação e da pós-graduação realizaram, conjuntamente, uma autoavaliação. O objetivo foi traçar plano e metas para superar os desafios atuais. Os artigos aceitos, a serem publicados na Revista Geonorte, comprovam que a produção científica é um ponto forte nessa trajetória.

Em 2013, após os resultados da avaliação trienal, estabeleceu-se a meta de criar o doutorado até 2020. Com isso, o PPG pretende avançar na escalada acadêmica. Essa formação vai atender a uma demanda crescente pela graduação de doutores na própria região Norte, além de incentivar o intercâmbio de pós-graduandos de outros estados e países. Isso resulta, segundo os idealizadores, no perfil profissional com capacidade de refletir criticamente sobre a ciência geográfica, contribuindo para o avanço desse campo sempre de maneira inovadora.

Revista Geonorte

Publicação do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Geografia (ISSN 2237-1419). Todas as edições, desde o primeiro número, que fora divulgado em 2010, estão disponíveis no portal de periódicos da Ufam.

Acesse **www.periodicos.ufam.edu.br/revista-geonorte**.

CURSOS DE DOUTORADO REALIZADOS PELOS EGRESSOS

Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia/Ufam: **03**	Clima e Ambiente/ Inpa-UEA: **02**	Geografia/Universidade do Minho, Portugal: **01**	Ciência do Sistema Terrestre/INPE: **01**
Sociedade e Cultura/Ufam: **02**	Biotecnologia/Ufam: **01**	Geografia/UERJ: **01**	Geografia Física/USP: **01**

SERVIÇO SOCIAL
10
ANOS
2007-2017

Mestrado em Serviço Social: **há dez anos fortalecendo a perspectiva da sustentabilidade**

O curso já formou 94 mestres e tem atraído estudantes de vários estados brasileiros, como Roraima, São Paulo, Acre, Pará e Santa Catarina, desde a sua criação, em 2007

A formação em Serviço Social tem como foco o compromisso com a defesa dos Direitos Sociais e o profissional da área é chamado de assistente social. Ele atua diretamente em diversos campos e instituições, espaços nos quais conduz a formulação, o planejamento e a execução de políticas públicas, desenvolvendo atividades essenciais para a sociedade. Por tal razão, é imperativo que esse profissional esteja sempre em processo de aprimoramento.

"O Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Sustentabilidade (PPGSS) surgiu, assim, com o objetivo de suprir uma demanda de assistentes sociais que não tinham meios de continuar sua formação profissional após a graduação fora do Amazonas, além de promover um diálogo profícuo entre os aspectos social, econômico, ecológico e cultural em seu vasto campo de atuação" conta a vice-coordenadora do PPG, professora Débora Rodrigues.

Em 2006, o professor Hidembergue Frota, convocou os chefes de departamento do antigo Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL), atual Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais (IFCHS), para uma reunião. No encontro, ele salientou a necessidade de se avançar na pós-graduação, apontando estatísticas e recomendações para a elaboração de propostas de mestrados e doutorados interdisciplinares.

Dentre os projetos aprovados figurou o do PPG em Serviço Social, cujo enfoque foi na temática da sustentabilidade. Visou-se à qualificação de pesquisadores que esboçassem problemáticas correlatas

2006 – Aprovação do Mestrado pela Capes

2007 – Início das atividades

2014 – Revisão Interna

2015 – Início do novo Regimento

2017 – Comemoração pelos dez anos de implantação do PPG

à região amazônica. Tendo sido a estratégia bem sucedida e, depois de aprovado o PPG pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), as aulas iniciaram em agosto de 2007, sob a coordenação da professora Simone Eneida Baçal.

Ela foi responsável por elaborar a proposta do Programa e teve o auxílio de professores como Maria do Perpetuo Socorro Chaves, Yoshiko Sassaki e Elenise Farias Scherer, além da professora Denise Bom Tempo, da Universidade de Brasília (UNB). Esta auxiliou na criação do programa pela sua experiência como ex-coordenadora da Comissão Avaliadora da Capes.

O PPGSS foi reconhecido pela Resolução nº 013/2006 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Consepe), de 12 de abril, que o aprovou com o conceito três. A partir daí, realizou-se um levantamento de currículos, produções e publicações dos docentes do curso. Após consultoria externa, foi reconhecida a forte tendência da produção científica para a sustentabilidade, fato que reforçou a ideia de trabalhá-la com eixo central.

Quase uma centena

O PPG está inserido diretamente nas conquistas da Ufam por meio da ampliação do quadro de mestres na área e como espaço de qualificação profissional na cidade de Manaus. Ao longo desses dez anos, foram formados 94 mestres em Serviço Social, alguns dos quais são doutores, docentes ou pesquisadores da Amazônia.

O PPGSS tem atraído a atenção de candidatos do resto do País por sua capacidade de congregar aos estudos tradicionais uma temática inovadora e cuja visibilidade é crescente: a sustentabilidade no contexto de atuação da Assistência Social. Em 2016, o programa teve 167 inscritos que concorreram a 15 vagas; no ano passado, 132 inscritos disputaram

Concorrência nos últimos anos

2016

167
candidatos para 15 vagas
(ingresso em 2017)

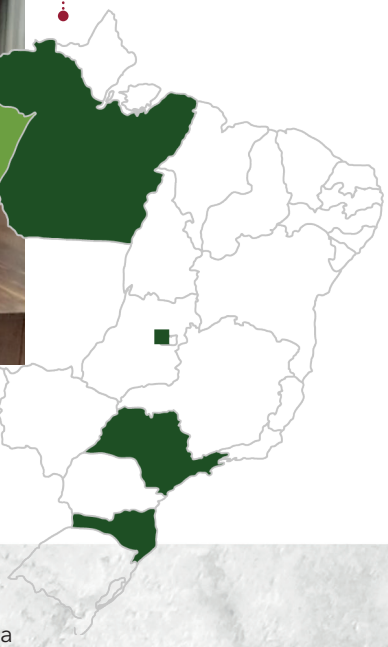
2017

132
candidatos para 15 vagas
(ingresso em 2018)

Estudantes de outros estados

O PPGSS tem atraído a atenção de estudantes de vários locais do Brasil, como Brasília, Boa Vista, São Paulo, Acre, Pará e Santa Catarina.

Professoras proponentes foram homenageadas na comemoração pelos dez anos de esforço e dedicação à docência no PPGSS



SAIBA MAIS

Amazonas e Pará

Atualmente, o mestrado acadêmico em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia (PPGSS) da Ufam e o mestrado acadêmico em Serviço Social da Universidade Federal do Pará (UFPA) são os dois únicos nessa área do conhecimento a serem ofertados na região Norte do País.

Atuação profissional dos egressos

No Doutorado

10
2 concluídos
8 em andamento

Na Docência

34
19 no setor privado
15 no setor público

No Setor Público

36
18 - Federal
7 - Estadual
11 - Municipal

No Setor Privado

10

Ex-reitora (período 2009-2017), professora Márcia Perales (segunda da esquerda para a direita) e professora Cristiane Fernandez (primeira à direita), lideram o Grupo de Estudo e Pesquisa em Processo de Trabalho e Serviço Social na Amazônia (Getra), um dos mais antigos dos seis grupos de pesquisa do PPGSS, com 18 anos de atuação.

as 15 vagas ofertadas para a turma que tem início agora em 2018. Os estudantes são de vários estados do Brasil, tais como: Brasília, Roraima, São Paulo, Acre, Pará e Santa Catarina.

Fruto de processo interativo entre docentes e discentes, em 2014 houve uma revisão para regulamentar a proposta pedagógica. Um ano depois, o novo regimento interno começou a funcionar, possibilitando a melhoria da grade curricular e a atualização alinhada ao movimento histórico da profissão e da pós-graduação, em suas constantes demandas e novas exigências.

Atualmente a estrutura curricular possui nova perspectiva e linhas de pesquisa reformuladas. Essas mudanças positivas têm contribuído para o avanço do PPG, cujas atuais linhas de pesquisa são: 'Questão social, políticas sociais, lutas sociais e formação profissional' e 'Gestão social, desenvolvimento, ambiente, direitos humanos, cultura e diversidade socioambiental'.

Além disso, as publicações e dissertações têm sido avaliadas como muito boas pela comissão de avaliadores da Capes. Esse é um dos resultados do empenho dos professores em relação à pesquisa, do aprimoramento das disciplinas, das atividades complementares de incentivo aos discentes e do compromisso dos integrantes do Programa para produzir e socializar conhecimentos sobre as questões socioambientais na Amazônia.

Atualmente, o Programa é coordenado pela professora Marinez Gil Nogueira, tendo como vice-coordenadora a professora Débora Cristina Rodrigues. As docentes Roberta Andrade e Lucilene Ferreira integram a comissão de coordenação do PPG. O corpo docente permanente, fundamental para o sucesso do Programa, além das professoras envolvidas com a coordenação, é composto por Cristiane Fernandez, Yoshiko Sassaki, Socorro Chaves, Lidiany Cavalcante, Hamida Pinheiro, Iraildes Caldas, Simone Baçal e Márcia Perales. Há ainda outros três colaboradores. Essa equipe é responsável pelo atendimento da oferta média de 15 vagas anuais.

Além do corpo docente, os grupos de pesquisa são outro destaque do PPGSS, são: Grupo de Pesquisa em Gestão Social, Direitos Humanos e Sustentabilidade na Amazônia; Grupo Interdisciplinar de Estudos Socio-

Nosso maior objetivo é aumentar o conceito do Programa para quatro na próxima avaliação da Capes. Esse é um passo importante para instituir o doutorado em Serviço Social na Universidade".

Professora Débora Rodrigues, vice-coordenadora do PPGSS.

ambientais e de Desenvolvimento de Tecnologias Sociais na Amazônia (Grupo Inter-Ação); Grupo de Estudo, Pesquisa e Observatório Social: Gênero, Política e Poder; Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas Sociais e Seguridade Social no Amazonas (Geppssam); Estudos de Sustentabilidade, Trabalho e Direitos na Amazônia (Estradas) e Grupo de Estudo e Pesquisa em Processo de Trabalho e Serviço Social na Amazônia (Getra).

De acordo com a professora Simone Eneida Baçal, primeira coordenadora do curso, o PPGSS evoluiu em questões estruturais e esse é um ganho excepcional. "Temos hoje uma estrutura muito melhor do que tínhamos no início. Agora, temos uma sala de aula, uma sala de estudos e seis computadores disponíveis para os nossos pós-graduandos", compara a professora.

Limites e perspectivas

Conferência Magna, Feira Científica, Homenagem aos Professores e Lançamento de Coletânea. Essas são algumas atividades que marcaram os festejos da primeira década do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia, em agosto de 2017.

Segundo afirma a professora Simone Baçal, um dos momentos marcantes dos dez anos do Programa foi a Conferência Magna 'Pós-Graduação na Região Amazônica: limites e perspectivas'. A vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Pará (UFPA), professora Joana Valente Santana, foi a conferencista.

O lançamento da coletânea 'Serviço Social e Sustentabilidade: diversidade de olhares sobre questões socioambientais no Amazonas' também marcou a comemoração. O livro foi concebido por diversas perspectivas de mestrandos e de seus orientadores e expõe as pesquisas produzidas ao longo do tempo de existência do curso.

Dentre os temas abordados, comunidades ribeirinhas, violência sexual infanto-juvenil, saúde, juventude, pessoa idosa, trabalho docente, assistência social, trabalho infantil e assistência estudantil são os mais mencionados nos textos.

A vice-coordenadora do PPGSS, professora Débora Rodrigues, comenta as expectativas para o Programa: "Nosso maior objetivo é aumentar o conceito para quatro na próxima avaliação da Capes. Esse é um passo importante para instituir o doutorado em Serviço Social na Universidade".

Além disso, a professora Débora mencionou a perspectiva de serem publicados outros trabalhos coletivos. "Nossa intenção é lançar coletâneas com caráter mais regional. Para os próximos projetos, pretendemos convidar outras universidades e pesquisadores de outros programas", conclui. Segundo ela afirma, o intuito é dar continuidade ao trabalho de produção científica e divulgar ainda mais a pós-graduação.

PPG em Sociologia comemora dez anos de contribuição ao pensamento social amazônico

Único programa de pós-graduação em Sociologia do Norte do País, o Mestrado da Ufam atrai graduados de diferentes áreas do conhecimento, da filosofia à medicina

Formar profissionais capacitados para refletir e interpretar a realidade social, política e cultural da Amazônia e da Pan-Amazônia. Essa é a principal missão do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Amazonas (PPGS/Ufam), que completou uma década em 2017 e já formou 81 mestres.

O PPG destaca-se ainda por ser o único cuja área de concentração é específica em Sociologia no Norte do Brasil. Na Universidade Federal do Pará (UFPA), por exemplo, o programa mais próximo ao que funciona na Ufam tem como área de concentração 'Sociologia e Antropologia'.

Criar o PPG era um desejo antigo do Departamento de Ciências Sociais da Ufam desde que fora iniciada a graduação, na década de 1980. Entretanto, a efetivação do programa esbarrava em desafios como a dificuldade para atrair e fixar pesquisadores dessa área na região Norte. Em geral, eles tinham o perfil já plenamente delineado para outros contextos.

Para concretizar os planos de ter a pós-graduação, seria necessário, antes de tudo, investir na qualificação do quadro docente. Foi o que ocorreu: até 2005, houve um aumento significativo do número de professores recém-qualificados e a contratação de doutores em Sociologia. A mudança deu fôlego para que o projeto pudesse seguir em frente. O resultado veio em agosto de 2007, quando o PPGS iniciou suas atividades.

O panorama favorável abriu possibilidades aos egressos de Ciências Sociais da própria Ufam, evitando seu deslocamento em busca da pós-graduação *stricto sensu*. Aliado aos preceitos da graduação, o Mestrado surgiu com o propósito de qualificar profissionais com aptidão para a pesquisa sociológica que prioriza o aspecto regional, fomentando, sobremaneira, o

1987 Implantação do bacharelado em Ciências Sociais

2005 Incremento do número de professores qualificados

2007 Criação do Mestrado em Sociologia

2013 Publicação do primeiro número da Revista Elaborar

2017 Comemoração dos dez anos do PPGS

estudo das populações amazônicas e pan-amazônicas.

Incentivar a produção dentro de três linhas de pesquisa significa ampliar o saber sociológico sobre a Amazônia, além de investigar temas que a transcendem. Ou seja, aqueles inseridos num diálogo mais geral das Ciências Sociais, a exemplo das questões teóricas.

Perfil atrativo

Atualmente, o PPGS está estruturado em três linhas: 'A Amazônia e o pensamento social no Brasil'; 'Povos, dinâmicas populacionais e dimensões simbólicas'; e 'Trabalho, Estado e sociedade'. Com 14 professores permanentes, o curso tem atraído o interesse de egressos das diferentes áreas do conhecimento. Na seleção de 2016, foram recebidas 134 inscrições; já em 2017, o número de inscritos foi de 165. Segundo o coordenador, professor **Marcelo Seráfico**, a crescente e diversificada procura relaciona-se a uma natureza aberta peculiar à Sociologia.

"A especialização extremada não é uma característica do curso. Quanto mais especialista um sociólogo é, menos ele desenvolve a capacidade de abstração e de compreensão das relações sociais. Isso torna o curso atrativo aos egressos de várias áreas. A sociologia abrange pesquisas da medicina ao direito, passando por geografia, história e filosofia", explica o docente.

Os temas refletem a diversidade intrínseca aos estudos sociológicos. A egressa Anne Marcelle, por exemplo, falou das alterações na legislação trabalhista. Ela estabeleceu uma comparação entre o que a Organização Internacional do Trabalho (OIT) define como trabalho decente e as alterações na legislação brasileira. A dissertação revela a forma como essas mudanças incidem no cotidiano. A abrangência temática, portanto, permite que os mestrandos possam analisar desde produções literárias – a exemplo da obra do escritor amazonense Milton Hatoum – até assuntos como violência, gênero e questões ambientais.

No geral, a meta é dar conta dos desafios que se colocam regionalmente. Na avaliação do professor Seráfico, essas abordagens têm origem no modo como a Amazônia é interpretada pelo pensamento

LINHAS DE PESQUISA

1 A Amazônia e o pensamento social no Brasil;

2 Povos, dinâmicas populacionais e dimensões simbólicas;

3 Trabalho, Estado e sociedade.

> **Questões de pesquisa adequadas nos ajudam a entender um pouco melhor o mundo em que vivemos".**
>
> *Professor Marcelo Seráfico, coordenador do PPGS.*

social brasileiro, e em como os pensadores locais trabalham os fenômenos ocorridos aqui e no resto do mundo, conforme a sua correlação. "Muitos deles [os fenômenos] ocorrem de maneira próxima - do ponto de vista sociológico, fato que nos possibilita fazer uma orientação comparativa ou articulada. Significa dizer que muito do que acontece aqui se articula com o resto do mundo... O pensamento social pode explicar isso", elucida o docente.

A despeito dessa natureza aberta que caracteriza o curso, os egressos de Ciências Sociais da Ufam ainda são a maioria expressiva dos mestrandos. Ilustrativamente, é possível constatar que 65% das dissertações são de autoria de ex-alunos da graduação. Nessa parceria que já completou uma década, o bacharelado e a pós-graduação têm formado os intelectuais mais bem capacitados para a pesquisa sociológica no contexto amazônico.

"O fato é que não haveria pós-graduação em Sociologia sem a graduação em Ciências Sociais, isso porque a formação superior é a responsável por alimentar nosso quadro de professores", revela Seráfico ao apontar que boa parte dos docentes é oriunda da própria Universidade.

Cultura científica

Desenvolver uma 'cultura científico-sociológica' está entre os objetivos do PPGS. Para além da publicação científica, prioriza-se a realização de atividades que proporcionam uma visão ampla da realidade aos professores e aos estudantes vinculados às Ciências Sociais.

"Existe um conjunto de elementos que fazem parte da formação sociológica, especificamente aquela que transcende o *lócus* institucional", observa o coordenador do programa. "A sala de aula é importante na formação, mas, assim como ela, é igualmente relevante a participação em eventos; a produção de pesquisas e de escritos para fomentar o debate; a realização de conversas; e o usufruto da vida cultural da cidade", enumera.

A cultura científica reveste-se de um caráter mais amplo do fazer profissional, assim como é a própria Sociologia. Por isso, o PPGS aposta mais no desenvolvimento de conteúdos e debates capazes de refinar a elaboração dos problemas de pesquisa do que na eventual troca do saber científico entre os intelectuais. "Questões de pesquisa adequadas nos ajudam a entender um pouco melhor o mundo em que vivemos", argumenta Seráfico.

Na prática, esse *modus operandi* tem funcionado bem desde 2016, quando o programa passou a investir, sobretudo, em palestras, seminários, rodas de conversa e semanas acadêmicas, geralmente a respeito de temas centrais no debate público. Um dos frutos do engajamento da equipe, a **Revista Elaborar** surgiu em 2013, e o quarto volume foi lançado em março de 2017.

Os planos são no sentido de reformular a estrutura curricular do Mestrado. A mudança vem da necessidade de se adequar as linhas ao perfil da área de pesquisa dos docentes. O programa passará a ter duas linhas de pesquisa com três eixos temáticos cada uma: a primeira será centrada em Política, Estado, Poder e Legitimidade, congregando pesquisadores que trabalham com a temática

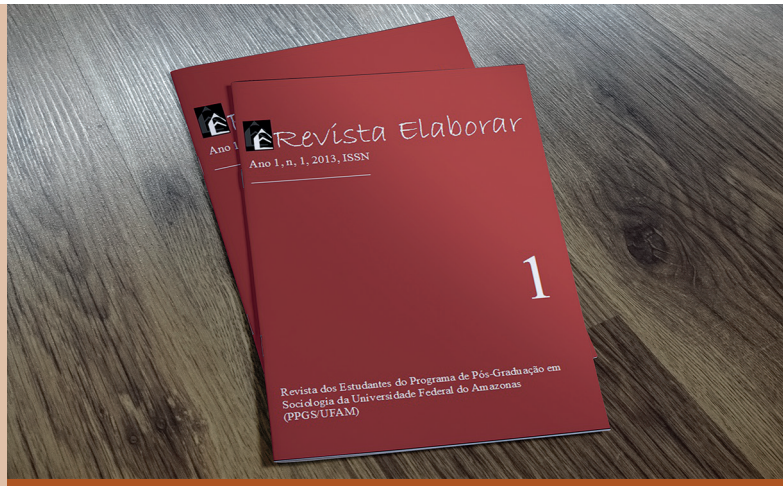
Professores dos PPGs em Sociologia e em Sociedade e Cultura da Amazônia prepararam o Seminário 'Diálogo com o Sagrado no Amazonas', ocorrido em abril de 2016.

Antonio Cattani abordou a riqueza e a desigualdade na abertura do semestre de 2016.

de políticas públicas, por exemplo; já a segunda será mais voltada aos estudos da cultura e do pensamento social.

Os articuladores da mudança sustentam que a nova estrutura é o caminho imprescindível que levará à criação do doutorado. A adoção de políticas consistentes de publicação científica e o reforço das parcerias interinstitucionais também são estratégias pensadas para consolidar o programa e fazê-lo crescer. "Acredito que nós já tenhamos capacidade acadêmica suficiente, embora reconheçamos ser preciso amadurecer uma série de questões políticas para alcançar o nosso objetivo", reflete Seráfico.

"A questão, para nós, não seria tão somente a de atribuir o grau de doutor a ninguém, mas, sobretudo, conseguir formar pesquisadores altamente qualificados na e para a Amazônia. É essa a nossa atual pretensão política e acadêmica", conclui o coordenador.



Revista Elaborar

A publicação, de iniciativa dos discentes da Pós-Graduação em Sociologia, é um espaço criado em 2013 para a difusão do conhecimento e o incentivo à produção acadêmica de estudantes e professores do PPGS e de áreas correlatas.

As edições do periódico estão disponíveis na página:

www.periodicos.ufam.edu.br/revistaelaborar

Programa de Pós-graduação em Educação: **30 anos construindo educação alinhada à realidade amazônica**

Ao produzir conhecimentos na perspectiva da cultura e da identidade amazônica, o programa mais antigo da Ufam cumpre a missão de formar mestres e doutores no Norte do País

"Uma rede de saberes formada por fios multicores". Assim a professora Rosa Mendonça de Brito ilustrou o surgimento do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) durante a abertura do XVI Seminário de Pesquisa em Educação, em março de 2017. Naquele mês, a pós-graduação alcançou suas primeiras três décadas. A docente, que já coordenou o PPG e hoje é membro do quadro permanente, retrata a história deste que é o programa de pós-graduação mais antigo da Universidade Federal do Amazonas (Ufam).

Os fios da rede, na metáfora aludida pela professora Rosa Brito, são os colaboradores que participaram da criação, mas também aqueles que ajudam, no presente, na consolidação e na evolução do PPGE. A história do primeiro curso *stricto sensu* da Ufam teve início em 1985, com a primeira proposta, que fora organizada pelos professores Jorge Karan Neto, Mirian Garret, Luiz Pereira, Raimundo Ferreira e Paulo Renan Gomes. No ano seguinte, o curso foi aprovado e, em 1987, inaugurou a primeira turma, com 12 alunos.

"Era o único mestrado na Universidade e praticamente em todo o Amazonas", relembra a atual coordenadora do PPG, professora Arminda Mourão, egressa daquela primeira turma. "Antes, as pessoas tinham de sair do estado para fazer a pós", completa. A implantação do programa ampliou o rol de oportunidades para professores e pesquisadores, que não mais precisariam se deslocar para outras regiões em busca da formação complementar.

A parceria entre a Faculdade de Educação (Faced) e o antigo Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL), hoje Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais (IFCHS), foi fundamental para o funcionamento do curso nos seus primórdios. Professores do ICHL e da Faced, além de visitantes, compuseram o primeiro corpo docente.

1986
Criação do Mestrado em Educação

1987
Início das atividades em março, com a primeira turma formada por 12 alunos

1995
Credenciamento pelo MEC com o conceito C+. No mesmo ano, os Conselhos Superiores aprovaram a transformação do Mestrado em PPG

1999
Após a avaliação da Capes, no período de 1996 a 1997, o PPGE passou por intensa reestruturação e ganhou nova matriz curricular

Professora Arminda Mourão, egressa da primeira turma e atual coordenadora do PPG

Educadores na Amazônia

Desde a concepção, o PPGE tem o compromisso de formar mestres e doutores na perspectiva da realidade amazônica. "Temos formado gerações de educadores e produzido conhecimento na, com e para a região Norte", afirma Arminda. Nessa trajetória, o programa passou por uma série de reestruturações curriculares, mas foi a de 1997 que definiu a matriz ainda vigente.

"Estamos organizados num núcleo temático de Educação, Cultura e Desafios Amazônicos. Trabalhamos a pesquisa e a construção do conhecimento sempre numa ótica interdisciplinar, considerando a diversidade e os desafios que a Amazônia apresenta como uma força motriz para a nossa atuação", explica a coordenadora.

"Tudo isso é articulado aos contextos nacional e internacional, mas é claro que priorizamos o processo educativo com enfoque nas identidades locais", argumenta, ao evidenciar que o PPGE pauta-se na realidade amazônica e na qualificação dos profissionais aqui estabelecidos. "Nossa contribuição prioriza o desenvolvimento regional", acrescenta ela.

Em 2008, por exemplo, a seleção para o mestrado dirigiu-se à própria Universidade, no intuito de formar mestres para atuarem nas Unidades Acadêmicas do interior, embora tenham sido recebidas candidaturas da capital. Conforme consta no site do PPG, esse esforço realizado no triênio 2007-2009 foi essencial para o avanço da produção e da organização do Programa.

Outro destaque nessa trajetória é o fato de que boa parte do corpo docente é egressa do PPG. Quando perguntados sobre a razão de terem retornado ao programa como professores, esta é a resposta: "Tem relação com o nosso compromisso, como formados nesta casa, de contribuir com o programa que tanto nos agregou experiência e conhecimento".

Um levantamento feito pelo PPGE revelou outro resultado importante: até o ano de 2013, 51% dos egressos eram professores de graduação ou de pós-graduação; enquanto 20% atuavam no ensino fundamental ou médio. "Temos contribuído e muito para formar aqueles que deverão trabalhar com a educação em nível local e regional", avalia Arminda.

Ela própria é professora do PPG desde 2002, fato que a enche de orgulho: "A minha trajetória na pós-graduação é este programa!". Ao todo, 24 docentes compõem o quadro permanente.

2004 -2006

O Programa alcançou **nota 4** na avaliação da Capes

2009

Aprovação do doutorado, com início das atividades no segundo semestre de 2010

2013

Início da linha de pesquisa 'Educação Especial e Inclusão no Contexto Amazônico'

Estrutura e avanços

Quatro novos laboratórios de prática pedagógica da Faculdade de Educação auxiliam no desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Até 2001, o PPGE era o único credenciado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (Capes) no Norte do País. Ainda hoje, ele permanece isolado no objetivo de titular mestres e doutores em Educação no estado do Amazonas.

Com o mestrado em atividade há 22 anos, o PPGE obteve êxito na aprovação do doutorado no ano 2009. A conquista deveu-se ao esforço de docentes e discentes da Faced, ao trabalho dos servidores da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (Propesp) e ao incentivo da Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas (Fapeam) para fomentar os projetos e as publicações. No segundo semestre do ano seguinte, a primeira turma iniciou as aulas com oito doutorandos.

Diante da atual estrutura do PPGE, não é fácil imaginar os desafios enfrentados nos primeiros momentos. "Inicialmente, nosso curso funcionava numa sala, apenas", conta Arminda. Hoje, o programa dispõe, além de salas administrativas, de laboratório de informática e quatro salas para pesquisa, sendo uma para cada linha de trabalho.

"Hoje, ocupamos todo um pavilhão na Faced. Depois da reestruturação do ICHL, conquistamos outro espaço para um miniauditório e, futuramente, haverá um local para organizar o acervo de publicações, com pequena biblioteca ligada à Biblioteca Central", adianta a coordenadora.

O PPGE orgulha-se ainda da parceria com importantes entidades engajadas na pós-graduação do País, como a Associação Nacional de Política e Administração da Educação (Anpede), a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anpae) e o Fórum Nacional de Coordenadores de Programas de Pós-Graduação em Educação (Forpred).

À luz da avaliação mais recente da Capes, a coordenação planeja investir em mecanismos de autoavaliação interna, com a ajuda de consultores externos, quando serão revistas forças e fragilidades. "É simplesmente natural e necessário passar por um processo para avaliarmos nossa estrutura organizacional, o que precisamos mudar e onde queremos chegar após três décadas em funcionamento", pondera a professora Arminda.

Linhas de pesquisa

Núcleo temático: Educação, Cultura e Desafios Amazônicos:

1. Processos Educativos e Identidades Amazônicas

2. Educação, Políticas Públicas e Desenvolvimento Regional

3. Formação e Práxis do (a) Educador (a) frente aos Desafios Amazônicos

4. Educação Especial e Inclusão no Contexto Amazônico

Grupo de Pesquisa discute Políticas Públicas em Educação (acima); Antigo prédio da Faced, na década de 1970 (abaixo).

Saberes múltiplos

Antes denominada '*Librorum*', a revista **'Amazônida'** é publicada há duas décadas. Mesmo com nome distinto, o periódico permanece firme na missão de divulgar pesquisas na área educacional e fortalecer o programa de pós-graduação. A revista recebe artigos da comunidade acadêmica nas diferentes áreas do conhecimento, em fluxo contínuo, e as edições são semestrais.

Em 2016, a 'Amazônida' migrou para a plataforma *online* em busca de mais visibilidade e de diálogos com pós-graduações em Educação de outros estados e países. A professora **Fabiane Maia**, uma das editoras da revista, afirma que esse formato promove a divulgação científica de forma ampla. Além da professora Fabiane, o corpo editorial da 'Amazônida' é composto pelos professores João Otacílio dos Santos e Wânia Fernandes.

"O impresso permanece porque é uma questão cultural. Já é parte da nossa tradição como programa a questão do livro... de tocar, de folhear. Existe essa referência que não perdemos. Por isso, insistimos que ela continue nesse formato também", revela. "Mesmo assim, o digital nos possibilita conversas com as outras pós-graduações, ou seja, agrega ao que já tínhamos".

Acesse a Revista Amazônida:
www.periodicos.ufam.edu.br/amazonida

Discentes / Egressos do PPGE

**até outubro de 2017:*

Mestrado
46

Mestres
419

Doutorado
58

Doutores
20

EXPEDIENTE

ascom
Assessoria de Comunicação da
Universidade Federal do Amazonas

ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO
Ana Carla dos Santos Souza

EDIÇÃO E REVISÃO
Cristiane Souza

REDAÇÃO
Cristiane Souza
Márcia Grana
Sandra Siqueira
Raryane Ramos
Valdeniza Vasques
Alice Almeida
Nicoly Ambrozio

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Luana Bittencourt
Deyse Coelho

COLABORAÇÃO
Juscelino Simões
Letícia Santana

Av. Rodrigo Octávio, 6200
Campus Universitário Senador Arthur Virgílio Filho
Coroado
Manaus - Amazonas

ascom@ufam.edu.br
(92) 3305-1480

ufam.edu.br

@ufamoficial @ufam_ @_ufam

2018

UFAM

Desde 1909

Nosso maior patrimônio

ufam.edu.br